



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE  
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE  
PARQUE NACIONAL DA TIJUCA**

**Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Instituto Chico Mendes de  
Conservação da Biodiversidade- PIBIC/ICMBio**

**Relatório de Acompanhamento  
(2019-2020)**

**LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES ARBÓREAS QUE SERVEM DE ALIMENTO  
PARA AS IGUANAS**

**Marina Costa dos Santos Teixeira**

**Orientador: Leonard Schumm  
Co-orientadora: Dr<sup>a</sup>. Vanderlaine Amaral de Menezes**

**Rio de Janeiro  
Outubro/2020**

## RESUMO

O Parque Nacional da Tijuca (PNT) compreende uma das maiores florestas urbanas do mundo com 3.958 ha. Na época colonial, a floresta original foi devastada devido à ação antrópica ocasionando crise de abastecimento hídrico para a população e a degradação do ecossistema com perda de espécies. Em razão disso, ocorreram duas iniciativas de restauração no PNT: a restauração da floresta tropical no século XIX e os projetos de reintrodução de fauna nos anos 70. Mesmo após os anos de reflorestamento e manejo da fauna, parte da sua biodiversidade foi perdida, como é o caso da *Iguana iguana*, espécie de lagarto da família Iguanidae, extinta localmente das florestas do Rio de Janeiro. As iguanas-verde possuem uma variação ontogenética na sua dieta, onde os jovens têm uma dieta carnívora e os adultos são herbívoros generalistas, cumprindo um importante papel na dispersão de sementes. O presente estudo teve como objetivo realizar o levantamento bibliográfico da dieta de *Iguana iguana* e da flora do PNT que faz parte da dieta desta espécie, a fim de identificar áreas potenciais para uma futura reintrodução da mesma no local. Através de levantamentos bibliográficos, foi possível inventariar 72 famílias, 190 gêneros, 210 espécies e 1 subespécie utilizadas como fonte de alimento. Destes táxons, 51 famílias, 79 gêneros e 15 espécies foram encontrados no PNT. Identificamos o Setor Floresta da Tijuca como um dos locais indicados para uma possível futura reintrodução, pois nele estão presentes 49 famílias, 71 gêneros e 15 espécies que fazem parte da dieta da espécie.

Palavras-chave: iguana, dieta, Parque Nacional da Tijuca

## **ABSTRACT**

Tijuca National Park (TNP) comprises one of the largest urban forests in the world with 3.958 ha. In colonial times, the original forest was devastated due to anthropic action causing a water supply crisis for the population and the degradation of the ecosystem with loss of species. As a result, two restoration initiatives took place in the TNP: the restoration of the tropical forest in the 19th century and the reintroduction of fauna projects in the 1970s. Even after the years of reforestation and management of the fauna, part of its biodiversity was lost, as this is the case of *Iguana iguana*, a species of lizard of the Iguanidae family, extinct locally from the forests of Rio de Janeiro. Green iguanas have an ontogenetic variation in their diet, where juveniles have a carnivorous diet and adults are generalist herbivores, playing an important role in seed dispersal. The present study aimed to carry out a bibliographic survey of the *Iguana iguana* diet and of the flora of the park that is part of the diet of this species, in order to identify potential areas for its future reintroduction. Through bibliographic surveys, it was possible to inventory 72 families, 190 genera, 210 species and 1 subspecies used as a food source. Of these taxa, 51 families, 79 genera and 15 species were found in the TNP. We identified the Tijuca Forest Sector as one of the places indicated for a possible future reintroduction, as it contains 49 families, 71 genera and 15 species that are part of the species' diet.

Key words: iguana, diet, Tijuca National Park

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 -** Mapa da distribuição dos setores do Parque Nacional da Tijuca no Rio de Janeiro. A) Setor 1, Floresta da Tijuca; B) Setor 2, Serra da Carioca/Corcovado/Parque Lage; C) Setor 3, Pedra da Gávea e Pedra Bonita; D) Setor 4, Covanca /Pretos Forros (SIQUEIRA, 2013). 11
- Figura 2 -** Famílias botânicas com maior riqueza, com os números de gêneros e espécies, citadas nas literaturas consultadas como alimento das iguanas. 16
- Figura 3 -** Gêneros botânicos mais representativos segundo a quantidade de espécies citadas como alimento das iguanas. 17
- Figura 4 -** Partes das plantas consumidas pela iguana de acordo com a frequência de citação nas literaturas consultadas. 17
- Figura 5 -** Famílias botânicas com maior riqueza, com os números de gêneros e espécies, encontradas no PNT. 18
- Figura 6 -** Localizações da flora utilizada pela *Iguana iguana* em sua dieta e a cobertura vegetal e uso do solo na área do PNT e seu entorno. 21
- Figura 7 -** Localizações da flora utilizada pela *Iguana iguana* em sua dieta em relação as bacias e microbacias no PNT e na zona de amortecimento. 22
- Figura 8 -** Pôster utilizado no evento Bio na Rua da UFRJ. 84
- Figura 9 -** Pôster utilizado na XII Jornada de Ciência e Tecnologia da UEZO. 85
- Figura 10 -** Apresentação no formato *Power Point* no evento I Seminário Interno de Pesquisa e Manejo do PNT/ICMBio. 23

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Lista das espécies botânicas consumidas pela <i>Iguana iguana</i> .	47
<b>Tabela 2</b> - Lista das espécies botânicas encontradas no PNT.	71
<b>Tabela 3</b> - Riqueza de táxons botânicos presentes em cada local identificado no PNT.	19

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**APG** – Angiosperm Phylogeny Group

**CIEE** – Centro de Integração Empresa-Escola

**ICMBio** – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

**NE/SW** – NE: Nordeste e SW: Sudoeste

**PNT** – Parque Nacional da Tijuca

**UEZO** – Fundação Centro Universitário da Zona Oeste do Rio de Janeiro

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
Objetivo geral.....	10
Objetivos específicos.....	10
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>11</b>
Área de Estudo.....	11
Levantamento Bibliográfico e Inventário Florístico.....	14
Mapa das áreas potenciais para reintrodução da iguana no PNT.....	15
Divulgação Científica e Educação Ambiental.....	15
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>16</b>
Inventário Florístico das Espécies consumidas pela Iguana.....	16
Inventário Florístico das Espécies encontradas no PNT.....	18
Áreas potenciais para reintrodução da iguana no PNT.....	18
Divulgação Científica e Educação Ambiental.....	22
<b>5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....</b>	<b>24</b>
<b>6 RECOMENDAÇÕES PARA O MANEJO.....</b>	<b>30</b>
<b>7 AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>31</b>
<b>8 CITAÇÕES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>
<b>9 ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os lagartos constituem o grupo mais diversificado dos répteis e são bons modelos para estudos de ecologia, pois no geral ocorrem em abundância, são de fácil observação, captura e manuseio em campo e sua taxonomia é relativamente bem conhecida (ROCHA, 1994). O Brasil é o detentor de uma das faunas de lagartos mais diversas do mundo onde são encontradas 282 espécies (COSTA; BÉRNILS, 2018). Uma das famílias que ocorrem no país é a Iguanidae, representada somente por uma espécie, a *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758). As iguanas-verde (também conhecidas como sinimbu, camaleão, entre outros), são caracterizadas por possuírem tamanhos relativamente grandes quando adultos, serem arborícolas, herbívoras e ovíparas.

Esta espécie possui uma ampla distribuição geográfica, ocorrendo em áreas tropicais e subtropicais das Américas, desde o Brasil, México até o Paraguai (ANDRADE, 2009). No Brasil são encontradas naturalmente na região amazônica, ocorrendo principalmente nas matas ciliares (ZIMMERMAN; RODRIGUES, 1990), nas matas de galeria do Cerrado e em diversos ambientes da floresta seca da Caatinga (ÁVILA-PIRES, 1995). Segundo a Sociedade Brasileira de Herpetologia é encontrada em dezenove estados (COSTA; BÉRNILS, 2018). Apesar de não oficializarem a presença da espécie para o estado do Espírito Santo, um estudo realizado por Oliveira e Castro em 2017 relatou uma população já estabelecida no local.

A composição da dieta de um lagarto pode sofrer variações devido a diversos fatores, tais como o sexo, estágio ontogenético e a sazonalidade climática (SCHOENER, 1986; MARTINS, 2016). Apesar de serem consideradas herbívoras, as iguanas possuem uma variação ontogenética na sua dieta, onde os jovens têm uma dieta carnívora, o que gera uma maior eficiência na suplementação alimentar devido à proteína ingerida, auxiliando no seu crescimento, e os adultos são herbívoros generalistas, cumprindo um importante papel na dispersão de sementes (VALIDO; OLESEN, 2007; GOVENDER *et al.*, 2012; BURGOS-RODRÍGUEZ *et al.*, 2016). As iguanas possuem características que as tornam eficazes dispersores de sementes, tais como, consumo de frutos, tempo de passagem intestinal relativamente longo, atividade intestinal microbiana e capacidade de ingerir grandes porções de alimentos, o que lhes permite processar as sementes sem destruí-las na mastigação (BURGOS-RODRÍGUEZ *et al.*, 2016). Ao se alimentarem dos frutos suas sementes também podem ficar presas no corpo e no focinho do animal, mantendo a sua viabilidade, germinando em maior número e uma velocidade mais rápida do que aquelas que foram ingeridas. Estas características permitem que, à medida que atravessam a floresta, dispersem sementes intactas, contribuindo



positivamente para a dispersão e germinação das sementes. Contudo, as informações disponíveis a respeito da eficácia da dispersão de sementes pelas iguanas e os seus papéis funcionais dentro das florestas ainda é escasso (TRAVERSE, 1990a; BENÍTEZ-MALVIDO *et al.*, 2003; VALIDO; OLESEN, 2007; GOVENDER *et al.*, 2012; MOURA *et al.*, 2014; BURGOS-RODRÍGUEZ *et al.*, 2016).

A dispersão de sementes é um processo fundamental dentro do ciclo de vida da maioria das plantas, principalmente em ambientes tropicais (JORDANO *et al.*, 2006). Sementes dispersas têm maiores probabilidades de sobreviver, germinar e se estabelecer do que aquelas não dispersas, pois escapam da predação e competição intraespecífica que ocorre de maneira mais intensa sob a árvore mãe (JANZEN, 1970; CONNELL, 1978; CLARK; CLARK, 1984; ANDRESEN, 1999). Estas sementes têm a oportunidade de colonizar novos locais (THOMPSON; WILSON, 1978) ou alcançar sítios que atendam aos requisitos para a sua sobrevivência e germinação (DIRZO; DOMÍNGUEZ, 1986). No bioma Mata Atlântica, cerca de 87% das árvores produzem frutos carnosos, podendo chegar a mais de 90% em algumas áreas (JORDANO *et al.*, 2006). É estimado que nas florestas tropicais entre 50-90% das árvores são dispersas por animais, processo conhecido como zoocoria (FLEMING, 1987).

O Parque Nacional da Tijuca (PNT) é considerado uma das maiores florestas urbanas do mundo com 3.958 ha, localizado no Estado do Rio de Janeiro, no Sudeste do Brasil. A área da Mata Atlântica que compõe o PNT foi, na época colonial, desmatada de forma intensa para aumentar a produção de cana-de-açúcar e de café e as águas locais foram desviadas para o abastecimento da cidade. Em razão disso, ocorreram duas iniciativas de restauração no PNT: a restauração da floresta tropical no século XIX e os projetos de reintrodução de fauna nos anos 70. Mesmo após os anos de reflorestamento e manejo da fauna, parte da sua biodiversidade foi perdida, como é o caso da *Iguana iguana* extinta localmente das florestas do Rio de Janeiro. O seu primeiro registro para o Estado foi realizado por Spix (1825), quando a espécie era conhecida pelo sinônimo *Iguana lophydorides*, em sua expedição pelo Brasil. Além deste registro para o Rio de Janeiro, existem dois indivíduos tombados no Museu Nacional coletados no Município de Cabo Frio datados de 1951.

Embora as iguanas sejam muito comuns em fragmentos florestais (ÁVILA-PIRES, 1995), a redução da floresta a pequenas manchas e as mudanças associadas ao uso da terra resultam em números populacionais drasticamente reduzidos e altamente vulneráveis à caça ilegal e predação. A iguana foi e continua sendo uma das espécies mais utilizadas como alimento nos

locais onde ocorre, desde os períodos pré-coloniais (COOKE *et al.*, 2007). O consumo e a comercialização da *Iguana iguana*, principalmente as fêmeas em período reprodutivo, é comum na América tropical, onde compõe a dieta de muitas pessoas que fazem uso da sua carne e ovos como fonte principal de proteínas (ALVES; SOUTO; MOURÃO, 2010). Este tipo de consumo tem sido registrado não apenas nas zonas rurais, como também em centros urbanos (MARQUES; GUERREIRO, 2007; ALVES *et al.*, 2009). Tendo como exemplo do uso alimentar da iguana, há um relato do século XVI do gastrônomo Gabriel Soares de Souza sobre este animal: “No mato se criam outros lagartos, a que os índios chamam sinimbus, que também são grandes, mas não tamanhos como os jacarés, criam-se nos troncos das árvores; cuja carne é muito boa e saborosa” (p. 177, HUE, 2008). A iguana também é utilizada na medicina popular e com uso afrodisíaco desde o Brasil colônia (ALVES; SOUTO; MOURÃO, 2010) e a sua pele é utilizada para produção de couro (BOCK *et al.*, 2018).

Diferentes estratégias de conservação têm sido propostas para mitigar os efeitos da ação antrópica sobre as espécies animais. Uma dessas ferramentas é a reintrodução de espécies (SEDDON *et al.* 2007) que tem como objetivo o estabelecimento de populações silvestres autossustentáveis (IUCN, 1998). Para que este objetivo seja cumprido, é necessário planejar cuidadosamente as etapas essenciais ao pleno estabelecimento da espécie na área e à sua manutenção ao longo do tempo, de forma a obter sucesso no processo de reintrodução (EWEN; ARMSTRONG, 2007).

Para compreender o papel ecológico que cada espécie exerce no habitat, são necessários estudos de história natural abrangendo questões relativas ao uso do habitat, ecologia trófica e reprodutiva. Apesar da iguana verde ser uma espécie comum, existem poucos estudos sobre seus hábitos alimentares em ambientes naturais no Brasil, principalmente no bioma Mata Atlântica, uma vez que essa área ainda demonstra um alto grau de lacuna de conhecimento da espécie quando comparada a outros biomas presentes no país. Este trabalho tem como objetivo sanar estas lacunas de informação a respeito da ecologia trófica deste animal a fim de gerar subsídios para as diretrizes de reintrodução.

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

O presente estudo tem como objetivo geral realizar levantamento florístico das espécies vegetais no Parque Nacional da Tijuca que fazem parte da dieta da iguana (*Iguana iguana*), de forma a subsidiar as diretrizes para uma possível futura reintrodução.

### **Objetivos Específicos**

- Listar as espécies de plantas que a *Iguana iguana* se alimenta;
- Listar as áreas com espécies vegetais importantes para a dieta da iguana no Parque Nacional da Tijuca;
- Identificar as áreas potenciais para reintrodução da iguana no Parque Nacional da Tijuca;
- Produzir material de divulgação científica sobre a importância da conservação da iguana na Mata Atlântica.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

#### Área de Estudo

O Parque Nacional da Tijuca (PNT) está localizado no Maciço da Tijuca (entre os paralelos de 22°,55' e 23°,00'Sul e os meridianos 43°, 12' e 43°, 19'Oeste) em meio à cidade do Rio de Janeiro, localizada na região Sudeste do Brasil. O parque compreende uma das maiores florestas urbanas do mundo, conhecida como Floresta da Tijuca, com 39,58 km<sup>2</sup>, cerca de 3.958 ha (CID, 2011) e possui grande importância ambiental e cultural para a cidade do Rio de Janeiro. Foi tombado em 1966 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e considerado pela Unesco como Reserva da Biosfera desde 1991 e Patrimônio da Humanidade desde 2000. O PNT é dividido em quatro setores: Setor 1 – Floresta da Tijuca (14,73 km<sup>2</sup>); Setor 2 – Serra da Carioca/ Corcovado/ Parque Lage (17,28 km<sup>2</sup>); Setor 3 – Pedra da Gávea e Pedra Bonita (2,5 km<sup>2</sup>); Setor 4 – Covanca / Pretos Forros (5 km<sup>2</sup>) (MOREIRA, 2006; ICMBIO, 2008) (Figura 1).



Figura 1 – Mapa da distribuição dos setores do Parque Nacional da Tijuca no Rio de Janeiro. A) Setor 1, Floresta da Tijuca; B) Setor 2, Serra da Carioca/Corcovado/Parque Lage; C) Setor 3, Pedra da Gávea e Pedra Bonita; D) Setor 4, Covanca /Pretos Forros (SIQUEIRA, 2013).

O PNT é composto por 67 montanhas, com altitude média superior a 500m e 22 vales. O ponto mais alto é o Pico da Tijuca, com 1.022m. O relevo do parque é formado também pela

presença de 43 rios ou córregos, dentre deles o Rio Maracanã, o Rio Comprido e o Rio Carioca (BANDEIRA, 1993; MOREIRA, 2006). O seu clima é caracterizado, segundo a classificação de Köppen, como Tropical Úmido (“Am”), com temperatura média variando entre 18°C a 22°C e a pluviosidade atingindo números superiores a 2.000 mm por ano (MATTOS; MATTOS; LAROCHE, 1976). Devido à localização ocupada pela Floresta da Tijuca em uma área central no sentido NE-SW do maciço da Tijuca que possui uma altitude superior a 500m, há ocorrência de grande quantidade de chuva orogênica, abundante até mesmo durante o inverno (MATTOS; MATTOS; LAROCHE, 1976; BANDEIRA, 1993). As encostas voltadas para o Sul recebem uma menor incidência solar e uma maior exposição aos ventos úmidos, e devido a estes fatores apresentam uma maior umidade e baixas temperaturas, diferentemente das encostas voltadas para o Norte (FRANCISCO, 1995). Estas diferenças são responsáveis pelas composições florísticas distintas entre elas (OLIVEIRA *et al.*, 1995). A vegetação predominante do Parque é Floresta Ombrófila Densa Secundária (SADDI, 2008), em estágio avançado de regeneração (Alto Montana, Montana e Sub-montana), características de Mata Atlântica (CID, 2011).

Nos séculos anteriores, a floresta original quase foi totalmente destruída devido à retirada da madeira para construções, lenha e carvão e pelo avanço das lavouras de cana-de-açúcar no século XVII e das de café no início do século XIX. Como consequências destes desmatamentos, os mananciais hídricos foram afetados reduzindo o volume de água nos rios, houve inúmeras enxurradas tornando frequentes as inundações nas partes baixas da cidade intercaladas por grandes períodos de secas. Para reverter esta situação, foi necessário o reflorestamento do Maciço da Tijuca (SIQUEIRA *et al.*, 2013). Dentro deste contexto, no dia 22 de julho de 1860 foi criada a Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, caracterizando um marco para a questão de replantio e reflorestamento. No dia 11 de dezembro de 1861, foi publicado o Decreto Imperial de nº 577 que instruíu “*o plantio e conservação das florestas da Tijuca e das Paineiras*” tendo como administradores Manuel Gomes Archer e Tomás Nogueira da Gama. Posteriormente, entre os anos de 1874 e 1887, Archer foi substituído pelo Barão d’Escragnolle e as atividades de plantio foram voltadas para o paisagismo (ICMBIO, 2008). Estes processos de reflorestamentos tiveram uma duração de 13 anos.

Há controvérsias a respeito da quantidade de mudas e a extensão dos plantios realizados. Como por exemplo, segundo Comastri *et al.* (1981), em 1887 o número total de mudas plantadas e em crescimento seria de 90.000 em uma área de 16km<sup>2</sup>, atingindo 56 mudas/ha.

Para Drumond (1997) o número total de mudas plantadas durante 25 anos seria de 95.000, com 76 mil sobreviventes, em uma área de 16km<sup>2</sup>, perfazendo 47 mudas/ha. Segundo o trabalho de Dean (2000), foram calculados um total de 127.000 mudas plantadas, com 63.500 sobreviventes, em uma área de 32km<sup>2</sup>, ao longo de 30 anos, resultando em um total de 20 mudas/ha. A principal causa da discrepância entre esses valores é o fato de não haver registro que tenha ocorrido o reflorestamento em toda a extensão do Parque, sendo apenas na área equivalente à antiga Floresta da Tijuca, com 1.600ha, ou na área total do PARNA Tijuca, antes da sua ampliação no ano de 2004, que possuía 3.200ha (ICMBIO, 2008).

Estes dados nos levam a crer que existiam áreas inadequadas para o cultivo do café, como por exemplo, com declividade acentuada, solos com pouca profundidade e propensos a alagamentos, afloramentos rochosos, além daquelas em que os proprietários protegiam seus mananciais hídricos, e portanto não foram desmatadas. Visto que o artigo 2º do Decreto Imperial de nº 577, especificava que o plantio deveria ocorrer, preferencialmente, nos locais claros das florestas da Tijuca e Paineiras e o artigo 8º, determinava que os “serventes” da floresta (administradores, assalariados e escravos), além de realizarem o plantio, estavam incumbidos de protegê-la, impedindo a caça e extração de produtos florestais (BRASIL, 1861). Sendo assim, podemos supor que ainda existiam fragmentos florestais que pudessem abrigar uma fauna e proporcionar madeira para extração. O PNT possui áreas com fisionomia e flora que podem ser consideradas características de uma Mata Atlântica primitiva, como a Mata do Pai Ricardo, com 200 ha, na Serra da Carioca e o vale acima da captação dos Ciganos na Floresta da Tijuca, o que dá indício de que ainda deveria existir remanescentes florestais significativos à época (COMASTRI *et al.*, 1981; ICMBIO, 2008). Occhioni (1948) considerou a Mata do Pai Ricardo como sendo a mais rica do Rio de Janeiro, enquanto Francisco (1995) cita esta área como uma das mais preservadas do PNT, apesar de serem encontrados vestígios de antigas casas construídas no local.

Nos processos de reflorestamento no PNT não houve cuidado no uso de plantas nativas do Estado, sendo plantadas até espécies exóticas (MAYA, 1966). A presença das espécies exóticas é justificada pelas instituições que participaram dos processos de reflorestamento do parque. Dentre elas, o Jardim de Aclimação ou Real Horto (atualmente conhecido como Jardim Botânico do Rio de Janeiro) tinha como finalidade a aclimação de plantas úteis, tais como especiarias provenientes das Índias Orientais. Sendo assim, diversas espécies exóticas foram introduzidas, principalmente durante o período da administração de Escagnolle, em que

o foco eram as atividades de paisagismo (COMASTRI *et al.*, 1981; ICMBIO, 2008). Entre estas espécies destacam-se a jaqueira *Artocarpus heterophyllus*, o café *Coffea arabica*, a dracena *Dracena fraganse* e algumas espécies do gênero *Eucalyptus* (FREITAS; NEVES; CHERNICHARO, 2006; ZUCARATTO, 2013). Durante os anos de 2017 e 2018 ocorreram mutirões para o replantio de algumas espécies nativas.

Como consequência deste histórico de devastação da floresta, espécies sumiram e em razão disso muitas interações e processos ecológicos foram perdidos e ainda não foram restabelecidos no PNT. Tal como, a ausência de espécies animais faz com que as teias tróficas sejam mais empobrecidas (ODA, 2000). Para mitigar estes problemas iniciou-se em 1969 os primeiros repovoamentos faunísticos (COIMBRA-FILHO; ALDRIGHI, 1971). A restauração faunística tinha a finalidade de reintroduzir espécies já desaparecidas e realizar um reforço populacional das existentes. Os trabalhos de repovoamento se estenderam até o ano de 1973, contabilizando 976 animais, dentre eles aves, mamíferos e répteis, liberados no parque (COIMBRA-FILHO; ALDRIGHI 1971, 1972; COIMBRA-FILHO *et al.* 1973).

### **Levantamento Bibliográfico e Inventário Florístico**

O levantamento bibliográfico das espécies consumidas pela iguana foi realizado nas bases de consulta Google Acadêmico, Periódicos Capes, Scielo e Scopus. Os termos de buscas utilizados foram “*iguana iguana* + dieta + Brasil”, “*iguana iguana* + dieta + América do Sul”, “*iguana iguana* + hábito alimentar + Brasil”, “*iguana iguana* + hábito alimentar + América do Sul” e os seus respectivos termos em inglês. Para cada artigo foi registrado o ano de publicação, o local da realização do estudo e as principais espécies consumidas em um banco de dados no programa Excel.

O inventário florístico das espécies presentes na dieta da iguana no PNT foi organizado de acordo com o sistema de classificação de angiospermas desenvolvido pelo Angiosperm Phylogeny Group que se encontra na sua quarta versão (APG IV, 2016). A partir do levantamento inicial, foi feita a revisão nomenclatural a fim de eliminar incongruências (sinônimos e táxons indeterminados e/ou equivocadamente determinados), com base na Flora do Brasil 2020 (2019). Posteriormente, foram feitas consultas na lista de espécies vegetais catalogadas no Plano de Manejo do PNT e nos trabalhos botânicos realizados no parque com o propósito de encontrar táxons semelhantes aos citados na literatura consultada anteriormente.

Adicionalmente, consultamos os funcionários do PNT sobre a presença de determinadas espécies-chave da flora de maneira remota devido a pandemia da COVID - 19.

### **Mapa das áreas potenciais para reintrodução da iguana no PNT**

O mapa da Cobertura Vegetal e Uso da Terra no PNT e sua Zona de Amortecimento seguem a última versão disponibilizada pelo Instituto Pereira Passos (IPP) em 2016. Os locais identificados com presença de espécies, gêneros e famílias presentes na dieta das iguanas foram plotados no mapa do PNT de acordo com as coordenadas geográficas a fim de gerar uma visualização espacial destes locais frente a totalidade do Parque.

### **Divulgação Científica e Educação Ambiental**

Realizamos a transferência da informação científica sobre a história natural da *Iguana iguana* para a sociedade e/ou comunidade através de produtos de linguagem acessível e de fácil interpretação. A partir dos dados gerados por meio do levantamento bibliográfico foi elaborada uma apresentação no formato de slide pelo *Power Point* com os tópicos: características morfológicas, distribuição geográfica, área de vida, hábitos alimentares, reprodução e os conflitos socioambientais que ameaçam a sua existência. Para as exposições, a apresentação em slides foi transformada em *banner* fazendo uso de bastante imagens relacionadas aos tópicos abordados.



## 4. RESULTADOS

### Inventário Florístico das Espécies consumidas pela Iguana

Foram selecionados e analisados noventa e sete artigos. A partir dos mesmos, foram inventariadas 66 famílias, 169 gêneros, 184 espécies e 1 subespécie utilizadas como fonte de alimento pela *Iguana iguana* (Tabela 1). As discrepâncias de valores entre os níveis taxonômicos são justificadas pelo fato de que em alguns estudos os espécimes botânicos foram identificados até nível de família e outros até gênero e espécie.

As famílias com maior riqueza foram Leguminosae (com 30 gêneros e 28 espécies), Malvaceae (com 9 gêneros e 8 espécies), Curcubitaceae (com 7 gêneros e e 7 espécies), Anacardiaceae (com 6 gêneros e 9 espécies), Bignoniaceae (com 5 gêneros e 6 espécies), Euphorbiaceae e Rubiaceae (com 5 gêneros e 5 espécies cada), Colvolvulaceae (com 4 gêneros e 10 espécies), Poaceae (com 4 gêneros e 4 espécies) e Moraceae (com 3 gêneros e 11 espécies) (Figura 2).

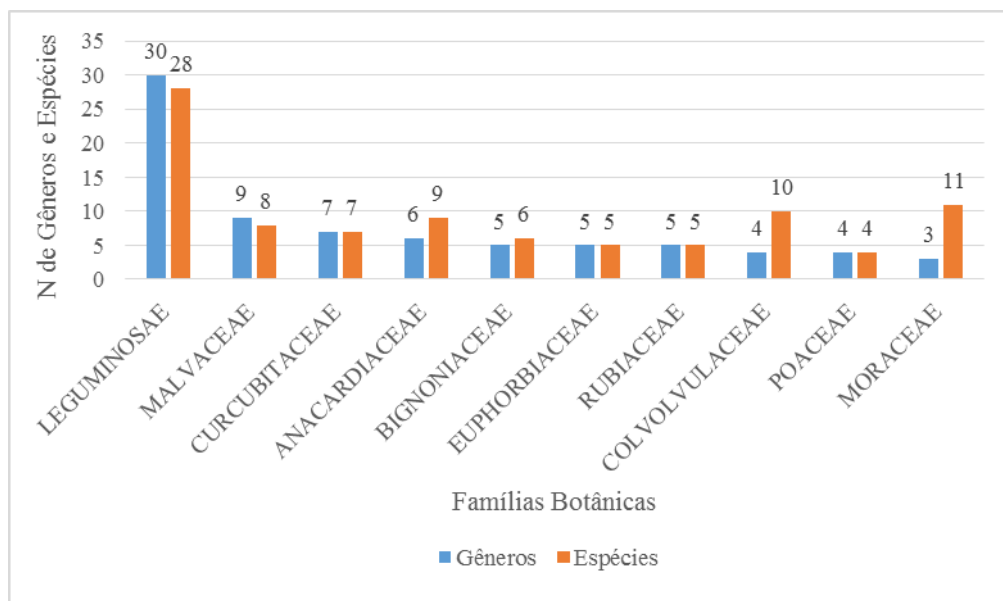


Figura 2 - Famílias botânicas com maior riqueza, com os números de gêneros e espécies, citadas nas literaturas consultadas como alimento das iguanas.

Os gêneros mais representativos foram *Ficus* (9 espécies), *Ipomoea* (6 espécies), *Cordia* (5 espécies), *Annona* (4 espécies), *Spondias*, *Capparis* e *Pithecelobium* (3 espécies cada) (Figura 3).

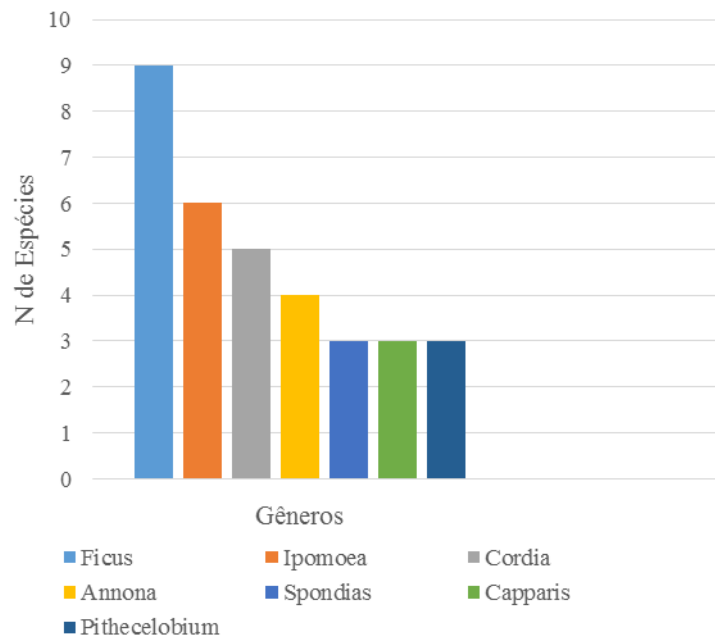


Figura 3 – Gêneros botânicos mais representativos segundo a quantidade de espécies citadas como alimento das iguanas.

As partes das plantas mais consumidas citadas na literatura foram as folhas (54,5%, n = 134), seguida pelos frutos (31,3%, n = 77), flores (21,5%, n = 53) e sementes (1,2%, n = 3), sendo que em alguns artigos não foram citadas as partes consumidas (28,0%, n = 69) (Figura 4).

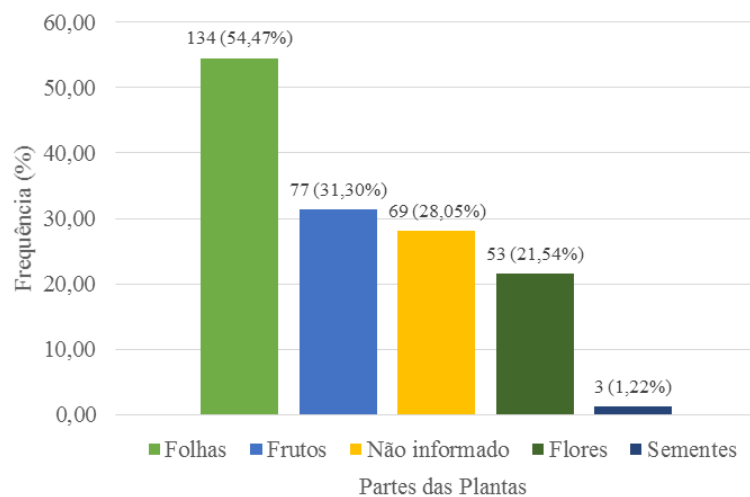


Figura 4 - Partes das plantas consumidas pela iguana de acordo com a frequência de citação nas literaturas consultadas.

## Inventário Florístico das Espécies encontradas no PNT

Após o levantamento das espécies consumidas pela iguana citadas na literatura, foi realizada uma consulta na lista de espécies vegetais catalogadas no Plano de Manejo do PNT e nos trabalhos botânicos realizados no parque, com o propósito de encontrar táxons semelhantes aos descritos na literatura consultada anteriormente. Foram encontradas 49 famílias, 75 gêneros e 15 espécies semelhantes (Tabela 2).

As famílias com maior riqueza foram Leguminosae (14 gêneros e 1 espécie), Malvaceae (5 gêneros e 1 espécie), Anacardiaceae (3 gêneros e 3 espécies), Rubiaceae e Urticaceae (3 gêneros e 2 espécies cada) e Moraceae (2 gêneros e 3 espécies) (Figura 5). O gênero mais representativo foi *Ficus* com três espécies. Em relação a origem das espécies semelhantes, 12 são nativas e 3 exóticas. Destes táxons, 7 famílias, 10 gêneros e 2 espécies são citados nos planos atuais de reflorestamento.

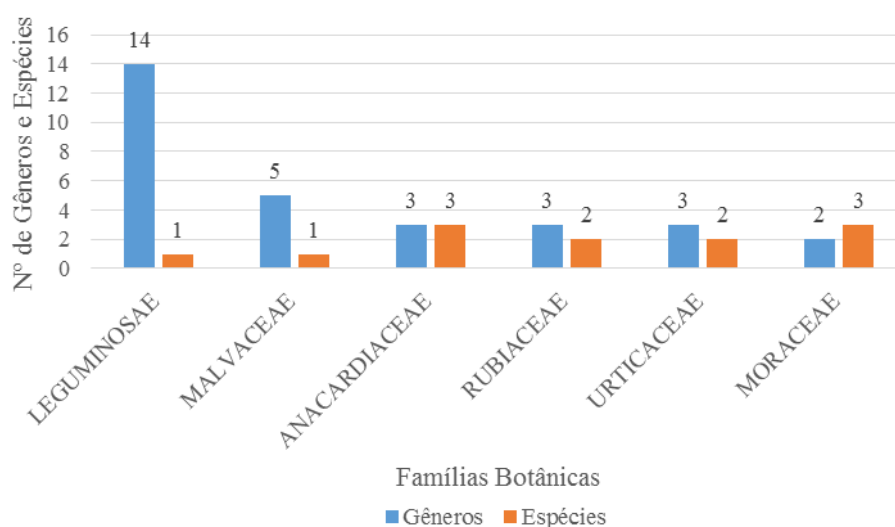


Figura 5 - Famílias botânicas com maior riqueza, com os números de gêneros e espécies, encontradas no PNT.

## Áreas potenciais para reintrodução da iguana no PNT

A partir do inventário florístico das espécies encontradas no PNT identificamos o Setor Floresta da Tijuca como um dos locais indicados para uma possível futura reintrodução, pois nele estão presentes 49 famílias, 71 gêneros e 15 espécies, e possui rios e riachos, importantes para a manutenção da espécie, distribuídos em vinte e um locais. São eles: Açude da Solidão, Alto da Boa Vista, Barracão, Cachoeira das Almas, Casa do Pesquisador, Cascatinha, Cova da Onça, Fazenda Boa Vista, Gruta do Archer, Hípica, Morro do Archer, Morro do Elefante, Morro

Escragnolle, Morro do Mateus, Morro do Ramalho, Morro Taunay, Paulo e Virgínia, Pico da Tijuca, Três Rios, Trilha adaptada Dom Pedro Augusto e Quitite.

No Setor Serra da Carioca estão presentes 16 famílias, 21 gêneros e 1 espécie, distribuídos em quatorze locais. São eles: Corcovado, Estrada do Cristo, Estrada do Sumaré, Hotel Paineiras, Lagoinha, Mata do Pai Ricardo, Mesa do Imperador, Mirante Dona Marta, Mocke-Cochrane, Moganga, Morro do Sumaré, Paineiras, Silvestre, Vista Chinesa. No Setor Pedra da Gávea/Pedra Bonita estão presentes 8 famílias e 7 gêneros, todos na Pedra Bonita. Infelizmente os locais conhecidos como Banco Biológico do Mico Leão, Degraus, Mato Escuro, Praça dos Macucos, Tanque das Pedras e Viveiros do Mico Leão não foram encontrados. Provavelmente devido a nomenclatura antiga, pois foram citados no trabalho de Santos (1979).

Tabela 3 – Riqueza de táxons botânicos presentes em cada local identificado no PNT.

<b>id</b>	<b>Localidade</b>	<b>Família</b>	<b>Gênero</b>	<b>Espécie</b>
1	Açude da Solidão	1	1	0
2	Alto da Boa Vista	1	1	0
3	Barracão	1	1	1
4	Cachoeira das Almas	2	2	0
5	Casa do Pesquisador	1	1	1
6	Cascatinha	1	1	1
7	Corcovado	2	2	0
8	Cova da Onça	1	1	1
9	Estrada do Cristo	1	1	0
10	Estrada do Sumaré	1	1	0
11	Fazenda Boa Vista	1	1	1
12	Gruta do Archer	4	4	0
13	Hípica	1	1	1
14	Hotel Paineiras	1	1	0
15	Mata do Pai Ricardo	5	5	0
16	Mesa do Imperador	2	3	0
17	Mirante Dona Marta	2	2	0
18	Mocke-Cochrane	8	8	0
19	Moganga	2	2	0
20	Morro do Archer	8	7	0
21	Morro do Elefante	3	3	3
22	Morro do Mateus	2	2	2
23	Morro do Ramalho	1	1	1
24	Morro do Sumaré	7	7	0
25	Morro Escragnolle	2	3	1

26	Morro Taunay	2	3	1
27	Paineiras	3	3	0
28	Paulo e Virgínia	3	3	1
29	Pedra Bonita	8	7	0
30	Pico da Tijuca	1	1	0
31	Quitite	7	10	2
32	Silvestre	1	1	0
33	Trilha adaptada Dom Pedro Augusto	1	1	1
34	Vista Chinesa	4	4	0

Com base nos dados obtidos ao longo da pesquisa a respeito da história natural da iguana foi possível elaborar dois mapas com as áreas potenciais para uma possível futura reintrodução da espécie no PNT. O primeiro mapa foi construído com base na cobertura vegetal ao longo do parque e os pontos com a presença dos itens vegetais consumidos pela espécie. O segundo mapa foi construído com base na hidrografia ao longo do parque e os pontos com a presença dos itens vegetais consumidos pela espécie.

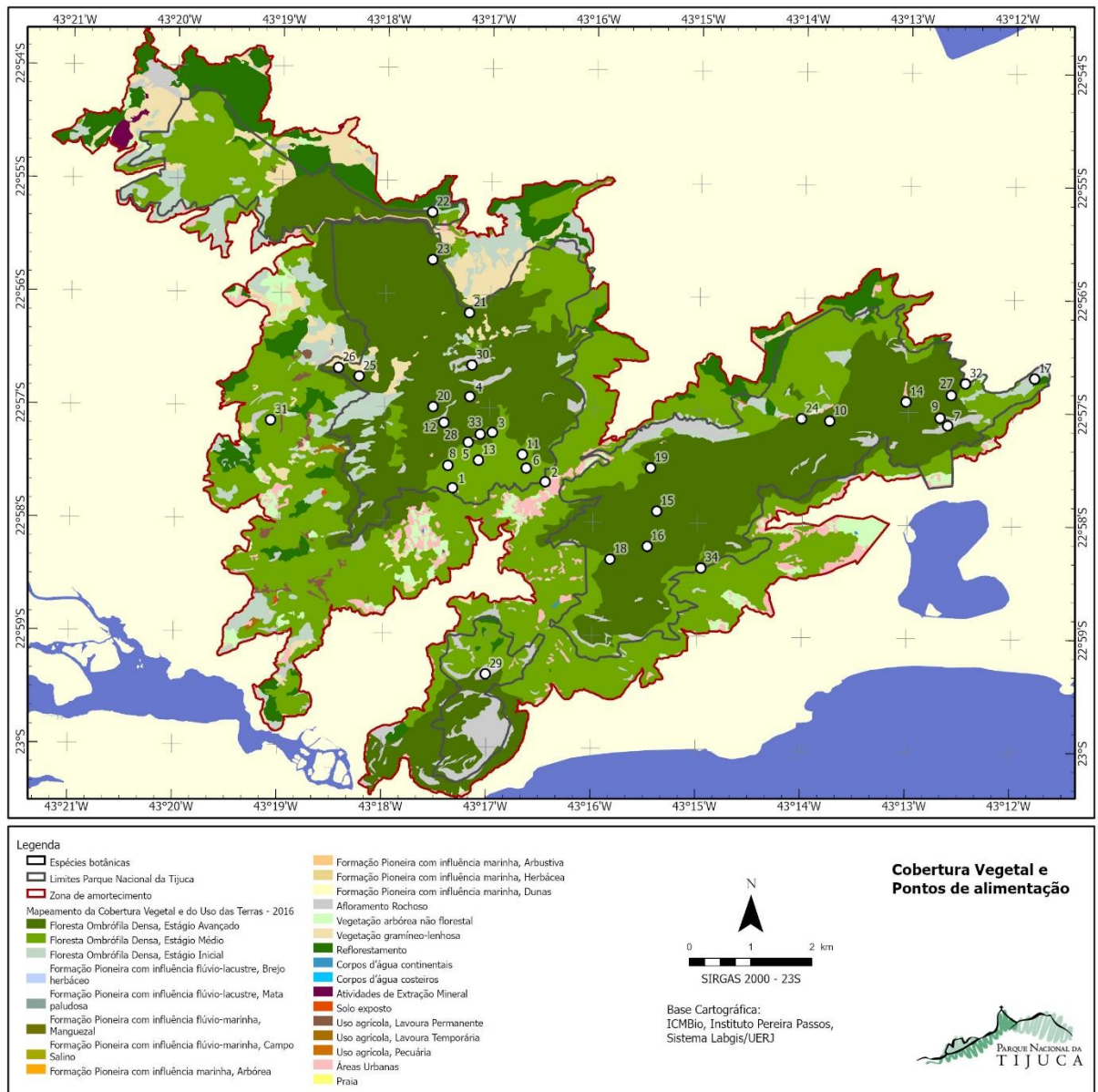


Figura 6 – Localizações da flora utilizada pela *Iguana iguana* em sua dieta e a cobertura vegetal e uso do solo na área do PNT e seu entorno.

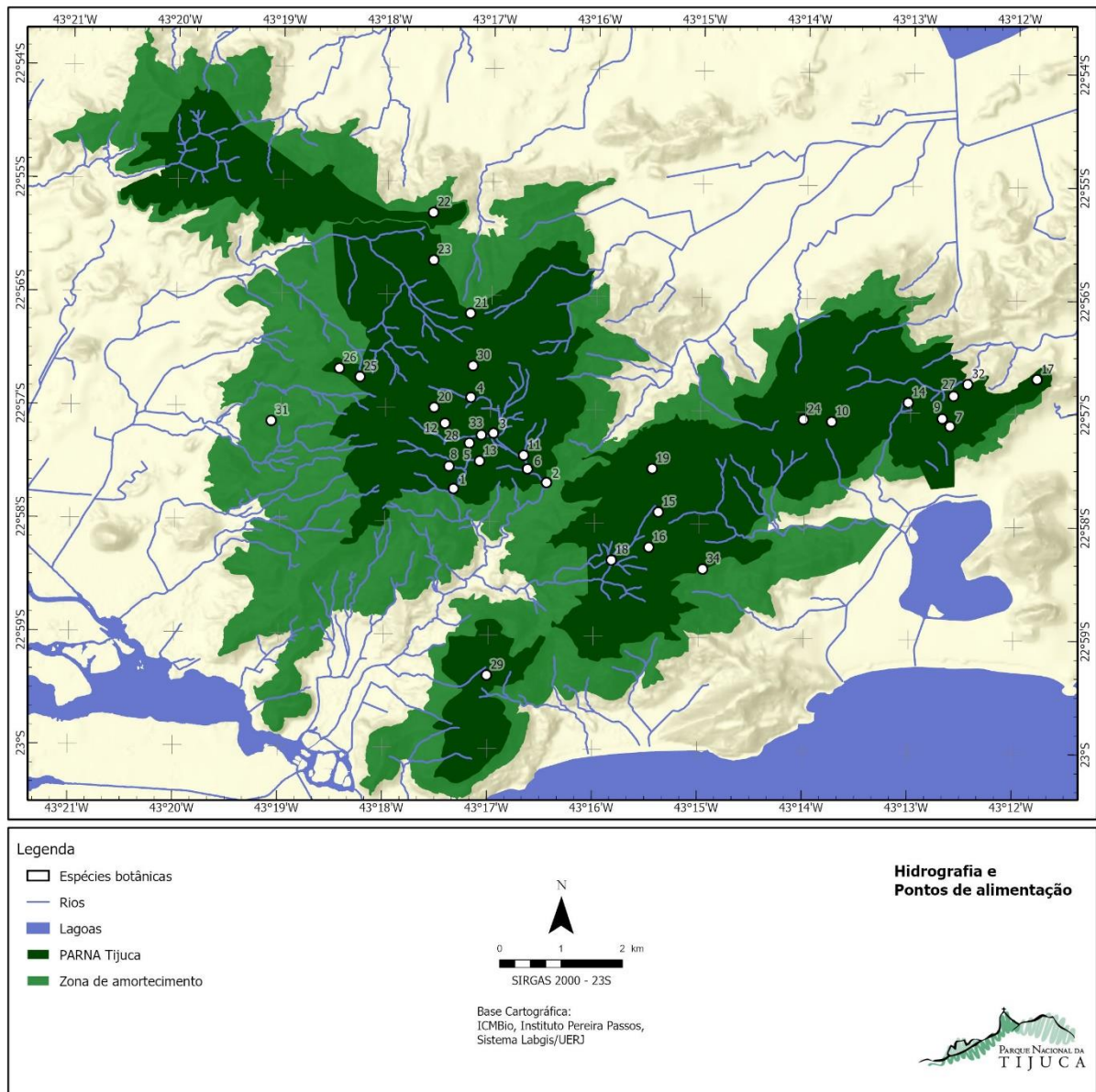


Figura 7 – Localizações da flora utilizada pela *Iguana iguana* em sua dieta em relação as bacias e microbacias no PNT e na zona de amortecimento.

### Divulgação Científica e Educação Ambiental

Foram realizadas exposições fazendo uso de banners nos seguintes eventos: Bio na Rua (2019), evento de divulgação científica organizado pelos estudantes da graduação Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro com a finalidade de realizar trocas entre o conhecimento científico e o popular que ocorreu no Parque de Madureira no bairro de Madureira no Estado do Rio de Janeiro, conforme a figura 8 (Anexo 3) e na XII Jornada de Ciência & Tecnologia (2019) organizado pela Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO), conforme a figura 9 (Anexo 4).

Também houve participação no Seminário Interno de Pesquisa e Manejo do Parque Nacional da Tijuca (2019) onde foi possível apresentar as informações sobre a iguana para os monitores e funcionários do parque (Figura 10). O evento foi de extrema importância, pois através dele estabelecemos contato com as pessoas que lidam diretamente com o parque e graças a eles podemos definir os possíveis locais para uma futura soltura da espécie no PNT.



Figura 10 - Apresentação no formato *Power Point* no evento I Seminário Interno de Pesquisa e Manejo do PNT/ICMBio.

A divulgação científica e a educação ambiental são instrumentos valiosos que ajudam a propagar informações, tanto com a população em geral, quanto com a comunidade científica. Tais exposições serviram para criar momentos de sensibilização, conscientização e maior adesão da equipe pela conservação da espécie.



## 5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os répteis, juntamente com os peixes, foram os primeiros vertebrados a interagirem com as plantas que possuem sementes (TIFFNEY, 1984; CASTRO; GALETTI, 2004) e com isso desempenham papéis relevantes na dispersão das mesmas (IVERSON, 1985). Estudos a respeito da dispersão de sementes realizadas pelos lagartos e os efeitos na germinação e sobrevivência das mesmas foram registrados nas Ilhas Baleares, Ilhas Canárias, Nova Zelândia e no Brasil (WHITAKER, 1987; FIALHO, 1990; VALIDO; NOGALES, 1994; TRAVESET, 1995; NOGALES; DELGADO; MEDINA, 1998; CASTILLA, 1999), pelas iguanas nas Ilhas de Galápagos (HENDRIX; SMITH, 1986) e na Floresta Tropical Seca da Costa Rica pela iguana negra *Ctenosaura similis* (TRAVESET, 1990a,b).

A iguana-verde é uma espécie arbórea, o que facilita a sua alimentação e termorregulação, mas também pode ser encontrada no solo e utilizando os corpos hídricos como local de fuga de predadores (SWANSON, 1950). É um dos poucos herbívoros generalistas de dosséis das florestas tropicais (RAND, 1978). A herbivoria nestes animais é relatada em diversos estudos (e. g.; SWANSON, 1950; RODDA, 1962; HIRTH, 1963; OSTROM, 1963; RAND, 1978; HENDERSON, 1974; MCBEE; MCBEE, 1982; van DEVENDER, 1982; TROYER, 1984a; RAND *et al.*, 1990; FAO/PNUMA, 1993; van MARKEN LICHTENBELT, 1993; GODINEZ-ALVAREZ, 2004; LARA-LÓPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO, 2002; GÓMEZ-CARRASQUILLO *et al.*, 2006; MORALES MÁVIL; SÁNCHEZ-MARIN; DOMÍNGUEZ, 2005; GRAJALES; CRUZ; SILVA, 2018; KERN JR. 2018). Entretanto, podem se alimentar de itens adicionais como ovos (LAZELL, 1973; ARENDT, 1986; GARCÍA-QUIJANO; CARLO; ARCE-NAZARIO, 2011) e filhotes de aves (SCHWARTZ; HENDERSON, 1991), insetos (HIRTH, 1963; GARCÍA-QUIJANO; CARLO; ARCE-NAZARIO, 2011; GOVENDER *et al.*, 2012), caranguejos (*Uca* spp. em GOVENDER *et al.*, 2012 e GARCÍA-QUIJANO; CARLO; ARCE-NAZARIO, 2011), caracóis (TOWNSEND *et al.*, 2005; GOVENDER *et al.*, 2012), lagartos do gênero *Anolis* e Escíncidos (GARCÍA-QUIJANO; CARLO; ARCE-NAZARIO, 2011) e pequenos mamíferos (KRYSKO *et al.*, 2007). O que indica que as iguanas verdes podem ser onívoras oportunistas.

Também foram relatados o consumo de carniça (LOFTIN; TYSON, 1965; CAMPOS *et al.*, 2011; GARCÍA-QUIJANO; CARLO; ARCE-NAZARIO, 2011; ANDERSON; ENGE, 2012) e de fezes de animais da mesma espécie (TROYER, 1984a) e de outras espécies

(CAMPOS *et al.*, 2011). Estes comportamentos podem estar associados a manutenção de uma fauna microbiana intestinal responsável pela fermentação da matéria vegetal consumida (CAMPOS *et al.*, 2011). Entretanto, as iguanas se tornam mais suscetíveis a predadores enquanto estão no solo se alimentando e a transmissão de parasitas quando se alimentam de fezes e carcaças de outros animais.

As iguanas verdes dispõem de adaptações na morfologia do trato digestivo para a herbivoria que o torna adequado para suportar uma população simbiótica de microorganismos que auxiliam na digestão das fibras e para reter a digesta para o processo de fermentação. Possuem duas válvulas no cólon que facilitam a digestão das fibras: (1) uma válvula circular e (2) válvulas semilunares (IVERSON, 1982). Acredita-se que a função destas válvulas seja controlar a retenção da digesta (BAER *et al.*, 1997). No colón são encontradas populações de bactérias (McBEE; McBEE, 1982) e nematoides comensais (LEUSSINK, 1958; IVERSON, 1982). Estes microrganismos auxiliam na digestão das fibras vegetais, retraindo uma parte para que ocorra a fermentação (BAER *et al.*, 1997). A fermentação realizada pelo intestino grosso pode suprir cerca de 30-40% de energia (McBEE; McBEE, 1982) e a digestibilidade dos constituintes da parede celular dos alimentos consumidos pode chegar a 54%, o que demonstra que as iguanas são capazes de digerir material vegetal (TROYER, 1984a). Entretanto, dietas ricas em fibras e altos níveis de lignina e cutina dificultam a taxa de crescimento, digestibilidade dos alimentos e a eficiência alimentar (van MARKEN LICHTENBELT; WOUTER, 1992; BAER *et al.*, 1997). Este fato justifica a alimentação carnívora dos juvenis que auxilia no seu crescimento, visto que iguanas na fase adulta são lagartos de grande porte podendo atingir até 2 m de comprimento.

Existem fatores que podem afetar a taxa de fermentação, tais como, a temperatura corporal do indivíduo; o teor de umidade do meio em que se encontra; as concentrações de carboidratos contidos nos frutos consumidos; a variedade e o estado das folhas ingeridas e a taxa de absorção dos ácidos gástricos (McBEE; McBEE, 1982). A temperatura corporal do animal é de grande importância para o processo da digestão. Temperaturas corporais mais elevadas reduzem o tempo de passagem do alimento pelo trato digestivo (FALCÓN *et al.*, 2013). Comportamentos para se aquecer não são importantes somente para a termorregulação, mas também para a aquisição da vitamina D<sub>3</sub>, induzida através dos raios ultravioletas, que não pode ser obtida por meio de uma dieta herbívora restrita (HIBMA, 2004).

A passagem pelo trato digestivo é uma etapa fundamental para a dispersão de sementes por meio da endozoocoria, podendo afetar de maneira positiva ou negativa na germinação dependendo do tamanho das sementes e da dureza das suas cascas. Estudo realizado por Morales-Mávil, Sánchez-Marin e Domínguez (2005) demonstrou que dentre três espécies de dispersores da *Spondias mombin*, a *Iguana iguana* se mostrou a mais eficiente. Provavelmente devido ao seu tempo de digestão ser mais longo em função da degradação microbiana, cerca de 72 horas, favoreceu a germinação da semente desta espécie. Em contrapartida, análises de germinações de sementes das espécies de *Ficus sp.* (*F. insipida*, *F. obtusifolia*, *F. tecolutensis*, *F. tuerckheimii*, *F. yoponensis*) extraídas das excretas de iguanas não revelaram diferenças àquelas encontradas nos grupos de controle (MORALES-MÁVIL, 1997; DOMÍNGUEZ, 2005).

Devido à sua dentição não apresentar diferenciação, não mastigam a comida, arrancando as partes constituintes da planta e perfurando as folhas (McBEE; McBEE, 1982). Montanucci (1968) em seu estudo sobre a morfologia dentária de quatro espécies de sáurios, incluindo a iguana verde (*Iguana iguana*), sugere que a mudança na morfologia dos dentes de indivíduos jovens e adultos pode ter um significado funcional, relacionado às mudanças nos hábitos alimentares observadas em indivíduos de diferentes idades. Em contrapartida, Iverson (1982) descarta esta hipótese alegando que a mudança de carnivorismo para herbivorismo não é comum em iguanas verdadeiramente herbívoras na idade adulta.

A sazonalidade determina a disponibilidade dos tipos de alimentos fornecidos pelas plantas, como flores, frutos e sementes, por exemplo. E em função disso, a composição da dieta vegetal da iguana pode mudar dependendo da estação do ano (van MARKEN LICHTENBELT, 1992). Na estação seca preferem os itens mais carnosos e úmidos enquanto que na estação úmida, alimentos ricos em proteínas (MARTÍNEZ-SILVESTRE, 2017). Klein (1977) em seu estudo em Honduras, durante a estação seca, encontrou algas do gênero *Spirogyra* no estômago de iguanas jovens (menores de 180mm). Este registro atípico pode ser explicado pelo fato de indivíduos menores forragearem em estratos inferiores dentro dos bosques diferente dos adultos. Ambrossy (1992) citou que durante os meses de novembro a fevereiro as iguanas se alimentaram de inflorescências da planta conhecida popularmente como monguba (*Pachira aquatica*). Lara-López e González (2002) demonstraram em seu estudo, que as folhas constituíam a principal fonte de alimento ao longo do ano, principalmente durante o verão (100%), com uma diminuição de consumo no outono (88,62%), inverno (69,95%) e primavera

(39,32%). O consumo de flores ocorreu durante o inverno (30,04%), na primavera (49,50%) que corresponde com a época seca e floração de algumas espécies como *Gliricidia sepium*, *Mangifera indica* e *Tabebuia roseae*, e uma porcentagem menor no outono (11,37%). Os frutos foram encontrados em somente uma amostra ocorrendo somente na primavera (11,18%). Os frutos fornecem uma maior capacidade de fermentação, gerando de 30-40% de energia (McBEE; McBEE, 1982). Um estudo realizado por Delfín *et al.* (2001) demonstrou que iguanas têm preferência por frutos vermelhos (37,03%), pretos (33,3%), amarelos (11,1%), verdes (11,1%), brancos (3,7%) e laranjas (3,6%).

Um dos primeiros estudos a respeito da alimentação da iguana verde foi realizado por Swanson em 1950. Nele, o autor menciona que os filhotes da iguana eram quase que completamente insetívoros, mas admitiu não ter observações do conteúdo estomacal para verificar esta informação, que foi citada como verdadeira. Em estudos posteriores, Hirth (1963) e Henderson (1974) identificaram apenas material vegetal nos estômagos dos filhotes, porém afirmaram que eram provavelmente insetívoros, o que foi aceito como algo comum para esta espécie.

Em um dos poucos estudos à respeito da etologia de iguanas no Brasil, Souza (2015) observou que os adultos forrageiam mordiscando os alimentos (folhas, flores e botões florais) entre cinco e sete vezes durante aproximadamente três minutos sem consumi-lo por inteiro, e logo em seguida se movimentam pela árvore até encontrarem um próximo sítio com alimento disponível. Este comportamento permite que os indivíduos se alimentem em vários sítios de uma mesma árvore. Diferente dos filhotes que foram observados se alimentando constantemente em um mesmo sítio. Este tipo de comportamento é considerado estratégico para evitar uma possível predação dos adultos, enquanto que os jovens, por serem menores, se aproveitam da coloração verde do ambiente para se camuflarem e não precisarem se deslocar periodicamente. Estes animais não possuem territórios extensos, apresentando uma média de movimentação diária de 10 m ou menos (ESCOBAR; BESIER; HAYES, 2010). Entretanto possuem a habilidade de se moverem através da paisagem, principalmente em épocas reprodutivas, em ambientes com difícil acesso, como densas florestas, que impedem a dispersão aérea das sementes (BURGOS-RODRÍGUEZ; AVILÉS-RODRIGUEZ; KOLBE, 2016).

A variedade de táxons botânicos encontrados (72 famílias, 190 gêneros e 210 espécies e 1 subespécie) corrobora com a informação das iguanas serem lagartos herbívoros generalistas, que se alimentam de espécies de origem nativa e exótica, de variados tamanhos, embora certas

espécies terem sido consumidas com mais frequência, como *Bursera simaruba* (L.) Sarg. e *Spondias mombin* L. citadas em 6 artigos cada, *Mangifera indica* L. citada em 5 artigos e *Ipomoea batatas* (L.) Lam., *Gliricidia sepium* (Jacq.) Kunth ex Walp. e *Pithecellobium dulce* (Roxb.) Benth. citadas em 4 artigos. Foram citadas 51 famílias, 79 gêneros e 15 espécies botânicas semelhantes as listadas para o PNT, segundo o Plano de Manejo e pesquisadores que desenvolveram trabalhos botânicos dentro do parque. A parte da planta mais consumida pelas iguanas, de acordo com o levantamento bibliográfico, foram as folhas (54,92%, n = 145).

O registro feito por Spix (1825) é de grande importância, pois evidencia que a espécie ocorria nas florestas do Rio de Janeiro em uma época anterior a degradação ambiental nos séculos XIX e XX, o que sugere que a espécie pode ter sido extinta durante estes eventos. O PNT proporciona para a espécie um ambiente adequado para a sua manutenção, visto que a sua vegetação é a Floresta Ombrófila Densa em estágio de regeneração e no seu interior há uma grande rede hidrográfica composta por 8 bacias e 53 microbacias (ICMBio, 2008). Este tipo de vegetação é caracterizado por árvores com grandes dosséis e a formação de estratos (MAGNAGO; ASSIS; FERNANDES, 2007). A riqueza de ambientes presentes no Setor Floresta da Tijuca fornece locais adequados para uma possível futura reintrodução, uma vez que indivíduos jovens desta espécie são encontrados em árvores de 2 a 4 m de altura em relação ao chão, enquanto que os adultos geralmente são encontrados entre 6 a 25 m e próximos a rios (HIRTH, 1963; HENDERSON, 1974). De acordo com Camacho (1992), os jovens começam suas atividades diárias mais cedo porque se aquecem mais rápido do que os adultos, se espalhando na primeira camada da vegetação pelo chão, matas e arbusto. Já os adultos iniciam suas atividades mais tarde e se dispersam na segunda e terceira camada da floresta. Ao meio dia todas as iguanas procuram sombra para se refugiarem no dossel da floresta. Esta diferença entre nichos evita que ocorra competição por habitat e alimento entre os indivíduos de diferentes tamanhos corpóreos.

No Setor Floresta da Tijuca são encontradas áreas abertas (*e. g.* afloramentos rochosos, áreas com capim próximas ao Morro do Elefante e Morro Taunay), que podem ser utilizados como sítios de corte na época da reprodução. Nesta época, os machos se deslocam para áreas mais abertas para defender seus territórios e realizam várias apresentações com movimentos do tronco, cabeça e prega gular para atrair as fêmeas (ESTES; PRICE, 1973; LIMA, 2015). Durante este período, os machos diminuem a sua alimentação e passam a dedicar o seu tempo quase que exclusivamente para a defesa do território. Diante disso os machos perdem muito

peso durante os meses de reprodução. Ao final deste período, os machos param de defender seus territórios e aumentam o tempo gasto na procura por alimentos a fim de recuperarem as reservas de energia consumidas durante a fase de acasalamento (ANDRADE, 2009). Por outro lado, as fêmeas não param de se alimentar nesta época, uma vez que requerem uma maior quantidade e qualidade de alimento que lhes forneçam a energia necessária para o desenvolvimento dos ovos (WERNER, 1987).

Os dados encontrados na pesquisa corroboram com Moura *et al.* (2014) que afirmam que as iguanas tem o potencial de terem uma grande influência nas espécies vegetais nos fragmentos de Mata Atlântica, uma vez que a sua presença está fortemente associada com a presença de árvores de grande porte, tais como, a mangueira (*Mangifera indica* L.), peito-de-pombo (*Tapirira guianensis* Aubl.), jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), mata pau (*Ficus insipida* Willd, encontradas no PNT, que possuem a capacidade de lhes oferecer poleiros para realizarem termorregulação, descanso e disponibilidade de alimento durante o forrageio.

O conhecimento acerca da localização das espécies vegetais consumidas pela iguana no PNT foi fundamental para auxiliar na escolha das áreas para uma futura reintrodução no parque e aumentar sua chance de sobrevivência e reprodução, assim como a sua dispersão em busca de alimento no interior da floresta. Uma possível reintrodução da iguana pode restaurar determinadas interações ecológicas perdidas no Parque Nacional da Tijuca, permitindo a manutenção da biodiversidade e o restabelecimento de alguns serviços ecossistêmicos, como a dispersão de sementes. Ademais, a *Iguana iguana* é uma espécie muito importante para o equilíbrio ecológico, pois a iguana é uma fonte de proteínas para alguns mamíferos, aves e outros répteis (FRÍAS; BARRAGÁN, 2007) e pelo aporte de material orgânico provenientes das suas excretas que fertilizam as florestas (ÁLVAREZ-TORRES, 2007).

## 6. RECOMENDAÇÕES PARA O MANEJO

O Parque Nacional da Tijuca sofreu ao longo dos anos processo de desmatamento, fragmentação, reflorestamento e de regeneração da sua floresta. Estes processos geraram um mosaico de condições físicas distintas na vegetação, tornando-a heterogênea. Os microhabitats com diferentes intensidades de luz, temperatura e umidade geram uma diversidade de microclimas que podem ser usados pelos animais em diferentes atividades e horários do dia (CERQUEIRA *et al.*, 2003). A identificação de áreas potenciais para melhores condições de sobrevivência dos indivíduos de iguanas é fundamental para evitar a perda de espécimes e subsidiar ações de manejo da espécie no PNT, bem como identificar os processos ecológicos que possam ser restabelecidos, tais como a dispersão de sementes permitindo a manutenção da biodiversidade.

Para que isto ocorra é fundamental o conhecimento a respeito da distribuição e da diversidade de espécies vegetais que fazem parte da dieta das iguanas no PNT para gerar diretrizes que auxiliem na escolha das áreas potenciais para uma futura reintrodução, aumentando a sua chance de sobrevivência e reprodução. Ademais, compreender como as iguanas podem se distribuir em busca de seu alimento no PNT nos permite prever sua área de ocorrência preferencial no parque.

## 7. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao ICMBio e CIEE pelo fomento da pesquisa e concessão de bolsa de Iniciação Científica que permitiram o desenvolvimento da mesma; a Professora Doutora Vanderlaine Amaral de Menezes pelos conhecimentos em ecologia e herpetologia que impulsionaram a pesquisa através do projeto “Ecologia, manejo e reintrodução do lagarto *Iguana iguana* (Iguanidae) no Parque Nacional da Tijuca”; ao Prof. Dr. Fernando Fernandez pela parceria através do Refauna, aos monitores que trabalham no PNT pelo conhecimento à cerca da flora do parque que nos auxiliaram com a localização de algumas espécies e ao funcionário do PNT, Rodrigo Arsolino Pereira, na elaboração dos mapas.



## 8. CITAÇÕES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ-TORRES, E. Factores de Amenaza para Iguana verde (*Iguana iguana*) y Garrobo (*Ctenosaura similis*) en Las Garzas, Municipio de Acapetahua, Chiapas. Memorias de X reunión Nacional sobre iguanas; 23-25; Tuxtla Gutiérrez (Chiapas) México. Subcomité Técnico Consultivo para la Conservación, Manejo y Aprovechamiento Sustentable de las Iguanas en México: 15-20, 2007.

ALVES, R. R. N.; LÉO NETO, N. A.; SANTANA, G. G.; VIEIRA, W. L. S.; ALMEIDA, W. O. Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. **Applied Herpetology**, 6 (3): 257-274, 2009.

ALVEZ. R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. Recife: NUPEEA, 2010.

AMBROSSY, A. B. Situación nacional referente a investigación, manejo y aprovechamiento de la iguana verde em Guatemala. *In*: Taller Int. sobre Manejo y Aprovechamiento de la Iguana verde (*Iguana iguana*), 10 p., 1992.

ANDERSON, C.; ENGE, K. M. *Ctenosaura similis* (Gray's spiny-tailed iguana) and *Iguana iguana* (green iguana). Carrion feeding. **Herpetological Review**, 43(1): 131, 2012.

ANDRADE, C. A. F. Iguana-verde (*Iguana iguana*). **Bicho-da-vez**, n. 6, p. 3, 2009.

ANDRESEN, E. Seed dispersal by monkeys and the fate of dispersed seeds in a Peruvian rain forest. **Biotropica** 31:145–158, 1999.

APG IV (Angiosperm Program Group). An update of the angiosperm phylogeny classification for the orders and families of plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, p. 1-20, 2016.

ARENDRT, W. An observation of *Iguana iguana* feeding on eggs of the cattle egret (*Bubulcus ibis*) at Fox's Bay, Montserrat, West Indies: a case of predation or scavenging? **Caribbean Journal of Science**, 22(3–4): 221–222, 1986.

ÁVILA-PIRES, T. C. S. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). **Zoologische Verhandelingen**, vol. 299, pp. 1-706, 1995.

BAER, D. J.; OFTEDAL, O. T.; RUMPLER, W. V.; ULLREY, D. E. Dietary fiber influences nutrient utilization, growth and dry matter intake of green iguanas (*Iguana iguana*). **J. Nutr.** vol. 127, pp. 1501–1507, 1997.

BANDEIRA, C. M. Parque Nacional da Tijuca. São Paulo: Makron Books, 1993.

BENÍTEZ-MALVIDO, J., TAPIA, E., SUAZO, I., VILLASEÑOR, E.; ALVARADO, J. Germination and seed damage in tropical dry forest plants ingested by iguanas. **J. Herpetol.**, vol. 37, pp. 301–308, 2003.

BOCK, B.; MALONE, CL.; KNAPP, C.; APARICIO, J.; AVILA-PIRES, T. C. S.; CACCIALI, P.; CAICEDO, J. R.; CHAVES, G.; CISNEROS-HEREDIA, D. F.; GUTIÉRREZ-CÁRDENAS, P.; LAMAR, W.; MORAVEC, J.; PEREZ, P.; PORRAS, L. W.; RIVAS, G.; SCOTT, N.; SOLÓRZANO, A. & SUNYER, J. *Iguana iguana*. The IUCN Red List of Threatened Species. 2018.

BURGOS-RODRÍGUEZ, J. A.; AVILÉS-RODRÍGUEZ, K. J.; KOLBE, J. J. Effects of invasive Green Iguana (*Iguana iguana*) on seed germination and seed dispersal potential in southeastern Puerto Rico. **Bio Invasions**, publicação online, p. 8, 2016.

BRASIL. **Decreto n. 577**, de 11 de dezembro de 1861. Dá instruções provisórias para o plantio e conservação das florestas da Tijuca e Paineiras. Disponível em: <<http://www.tjrj.jus.br/documents/10136/2478089/painel-15.pdf?v=100>>. Acesso em: 15 set. 2020.

CAMACHO, M. G. Notas de reptiles em Nicaragua. Nicaragua, Instituto Nicaraguense de recursos Naturales y del Ambiente (IRENA), Departamento de Fauna Silvestre, 16p, 1992.

CAMPOS, Z.; LEUCHTENBERGER, C.; DESBIEZ, A. L. J.; MOURÃO, G. *Iguana iguana* (Green Iguana). Coprophagy. **Herpetological Review**, 42(4), 2011.

CAMPOS, Z.; DESBIEZ, A. L. J.; ALVAREZ, J. M.; SANTOS, S. A. Using micro-histology and na image-based identification tool to study the diet of *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758). **Herpetozoa**, v. 26, 2014.

CASTILLA, A. Podarcis lilfordi from the Balearic islands as a potential disperser of the rare Mediterranean plant Whitania frutescens. **Acta Oecologica** 20:103–107, 1999.

CASTRO, E. R.; GALETTI, M. Frugivoria e dispersão de sementes pelo lagarto teiú *Tupinambis merianae* (Reptilia: Teiidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, vol. 44, n. 6, p. 91-97, 2004.

CEBALLLOS, G.; EHRLICH, P. R. Mammal population losses and extinction crises. **Science**, vol. 296, p. 904-907, 2002.

CERQUEIRA, R.; BRANT, A.; NASCIMENTO, M. T.; PARDINI, R. Fragmentação: alguns conceitos. *In*: Rambaldi, D. M.; Oliveira, D. A. S. Fragmentação de Ecossistemas – causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas. Brasília: MMA/SBF, 2003.

CID, B. Reintrodução da cutia vermelha (*Dasyprocta leporina*) no Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ): avaliação dos procedimentos, determinação do sucesso em curto prazo e caracterização dos padrões espaciais. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CLARK, D. B.; CLARK, D. A. Regeneration of canopy trees in a lowland tropical rain forest: a tolerance continuum. *Bulletin of the Ecological Society of America* 65:148, 1984.

COIMBRA-FILHO, A. F.; ALDRIGHI, A. D. A restauração da fauna do Parque Nacional da Tijuca. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**, 57: 1-30, 1971.

COIMBRA-FILHO, A. F.; ALDRIGHI, A. D. Restabelecimento da fauna no Parque Nacional da Tijuca (segunda contribuição). **Brasil Florestal III**: 19-33, 1972.

COIMBRA-FILHO, A. D.; ALDRIGHI, A. D.; MATINS, H. F. Nova contribuição ao restabelecimento da fauna do Parque Nacional da Tijuca, GB, Brasil. **Brasil Florestal IV**: 7-25, 1973.

COMASTRI, A. P. de M.; PORTO, E. L. R.; SÁ, L. F. S. N. de; SOUZA, O. C. de. Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza MA/IBDF/FBCN.Doc. Téc. No 11, 113p, 1981.

CONNELL, J. H. Diversity in tropical rain forests and coral reefs. **Science** 199:1302–1310, 1978.

COOKE, R.G.; JIMÉNEZ, M.; RANERE, A. J. Influencia humanas sobre la vegetación y fauna de vertebrados de Panamá: actualización de datos arqueozoológicos y su relación con el paisaje antrópico durante la época precolombina. *In*: E.G. Leigh, Jr., E.A. Herre, J.B.C. Jackson and F. Santos-Granero (eds), *Ecología y Evolución en los Trópicos*, pp. 562–593. Editora Nova Art, Panamá, 2007.

COSTA, H. C.; BÉRNILS, R. S. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. **Herpetologia Brasileira**, vol. 8, n. 1, p. 3-49, 2018.

COUTINHO, P. R. de. O. S. Recrutamento de Espécies Arbóreas na Mata Atlântica: o efeito da reintrodução de um importante dispersor de sementes no Parque Nacional da Tijuca. Tese. Doutorado. Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, Área de Concentração em Conservação da Natureza. Instituto de Flores. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2020.

DEAN, W. A ferro e fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira. Ed. Schwarcz, São Paulo, 2000.

DELFIN, L. F.; MORALES, M. J.; DOMÍNGUEZ, D. L.; RICHARD, C. V. Frutos silvestres preferidos por la iguana verde (*Iguana iguana*) em condiciones de cautiverio. 4º Taller Nacional sobre Manejo de Iguanas em Cautiverio, 2001.

DIRZO, R.; DOMINGUEZ, C. A. Seed shadows, seed predation and the advantages of dispersal. *In*: A. Estrada and T. H. Fleming (eds.), *Frugivores and Seed Dispersal*, pp. 237–249. Dr. W. Junk Publishers, Dordrecht, The Netherlands, 1986.

DOMÍNGUEZ, L. E. D. Germinación de semillas de tres especies de Ficus ingeridas por vertebrados frugívoros. Tesis de Maestría em Ecología Florestal. Instituto de Genética Forestal de la Universidad Veracruzana. Xalapa, Veracruz, México, 2005.

DRUMMOND, J. A. Devastação e Preservação Ambiental no Rio de Janeiro. EDUF, Niterói, RJ, 1997.

ESCOBAR, M. M.; CALDERÓN, C. V. Estado actual de conservación de la iguana verde *Iguana iguana rhinolopha* y su perspectiva de manejo em la Isla de San Andrés (Colombia). Trabajo de Grado para optar al título de Administrador Ambiental y de Recursos Naturales. Corporación Universitaria Autónoma de Occidente, División de Ciencias Básicas, Santiago de Cali, 2003.

ESCOBAR, R. A.; BESIÉ, E.; HAYES W. K. Evaluating head starting as a management tool, post-release success of green iguanas (*Iguana iguana*) in Costa Rica. **Int J Biodivers Conserv**, vol. 2, pp. 204–214, 2010.

ESQUÍVEL, E. Aspectos Biológicos del Manejo de la Iguana em el Proyecto Comunitario de la Cooperativa Omar Baca em la Península de Cosiquina. 1a.ed. San José, C. R.: IUCN, 1999.

ESTES, R.; PRICE, L. I. Iguanid lizard from the upper Cretaceous of Brazil. **Science**, Washington, DC, vol. 188, p. 748-751, 1973.

EWEN, J. G.; ARMSTRONG, D. P. Strategic monitoring of reintroductions in ecological restoration programmes. **Ecoscience**, vol. 14, p. 401-409, 2007.

FALCÓN, W.; ACKERMAN, J.D.; RECART, W.; DAEHLER, C.C. "Biology and Impacts of Pacific Island Invasive Species. 10. Iguana iguana, the Green Iguana (Squamata: Iguanidae)," *Pacific Science*, Washington, DC, vol. 67, p. 157-186, 2013.

FAO/PNUMA. La iguana verde (*Iguana iguana*); Potencialidades para su manejo. Documento técnico n°12. Proyecto FAO/PNUMA. Santiago, Chile. 168p, 1993.

FIALHO, R. F. Seed dispersal by a lizard and a treefrog-effect of dispersal site on seed survivorship. **Biotropica**, 22:423–424, 1990.

FIGUEIRA, L. Interações ntre Cutias (*Dasyprocta Leporina*) Reintroduzidas e Frutos no Parque Nacional da Tijuca. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2011.

FIGUEIREDO-DE-ANDRADE, C. A.; MONTOYA-OSPINA, R. A.; VOLTOLINI, J. C.; RUIZ-MIRANDA, C. R. Population biology and behaviour of the alien species *Iguana*

*iguana* (Linnaeus, 1758) on a restored wetland in Puerto Rico. **Herpetology Notes**, vol. 4: 445-451, 2011.

FLEMING, T. H. Patterns of tropical vertebrate frugivore diversity. **Annual Review of Ecology and Systematics**. 18: 91-109, 1987.

FLORA DO BRASIL 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 09 out. 2020

FRANCISCO, C. N. 216 f. O Uso de Sistemas Geográficos de Informações (SGI) na Elaboração de planos de Conservação - uma aplicativa no Parque Nacional da Tijuca, RJ. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

FREITAS, S. R., NEVES, C. L.; CHERNICHARO, P. Tijuca National Park: two pioneering restorationist initiative in Atlantic Forest insoutheastern Brazil. **Brazilian Journal of biology**, 66: 975-982, 2006.

FRÍAS, Q. C. A.; BARRAGAN, V. M. R. La agrolita como sus-trato artificial en la incubación de huevos de iguana verde (*Iguana iguana*). *In*: Memorias de X Reunión Nacional sobre Iguanas. Tuxtla Gu-tiérrez (Chiapas) México: Subcomité Técnico Consultivo para la Conservación, Manejo y Aprovechamiento Sustentable de las Iguanas en México: 119-123, 2007.

GARCÍA-QUIJANO, C. G.; CARLO, T. A.; ARCE-NAZARIO, J. Human Ecology of a Species Introduction: Interactions Between Humans and Introduced Green Iguanas in a Puerto Rican Urban Estuary. **Human Organization**, vol. 70, no. 2, 2011.

GARZA, C. J. M. Dieta en crias de *Iguana iguana* em cautiverio. 1º Taller Nacional sobre Manejo de Iguanas em Cautiverio. Pátzcuraro, Michoacán, 1998.

GENES, L.; FERNANDEZ, F. A. S.; VAZ-DE-MELLO, F. Z.; ROSA, P. da; FERNANDEZ, E.; PIRES, A. S. Effects of howler monkey reintroduction on ecological interactions and processes. **Conservation Biology**, Volume 33, No. 1, 88–98, 2018.

GIRLING, S. J.; FRASER, M. A. Cannabis intoxication in three Green iguanas (*Iguana iguana*). **Journal of Small Animal Practice**, 52, 113–116, 2011.

GODÍNEZ-ALVAREZ, H. Pollination and seed dispersal by lizards: a review. **Revista Chilena de Historia Natural**, 77: 569-577, 2004.

GOMEZ-CARRASQUILLO J. E.; PEREZ-REYES O.; HERNANDEZ-GARCIA P.; THOMAS R. General diet of the exotic species *Iguana iguana* on north Puerto Rican mangrove. *Integr Comp Biol*, 46:198, 2006.

GOVENDER, Y., MUNOZ, M. C., CAMEJO, A. R., PUENTE-ROLON, A. R., CUEVAS, E.; STERNBERG, L. An isotopic study of diet and muscles of the green iguana (*Iguana iguana*) in Puerto Rico. **J. Herpetol.**, vol. 46, pp. 167–170, 2012.

GRAJALES, J. G.; CRUZ, J. A.; SILVA, A. B. Bases técnicas para el manejo y crianza en cautiverio de la iguana verde (*Iguana iguana*): Una compilación para biólogos y zootecnistas. *Ciencia y Mar*, XXII (64):39-54, 2018.

HALLINAN, T. Notes on lizards of the Canal Zone, Isthmus of Panama. **Copeia**, pp 45–49, 1920.

HENDERSON, R.W. Aspects of the ecology of the juvenile common iguana (*Iguana iguana*). **Herpetologica**, [S.1], vol. 30, p. 327-332, 1974.

HENDRIX, L. B.; SMITH, S. D. Post-eruption revegetation of Isla Fernandina, Galapagos (Ecuador). II. **National Geographic Research** 2:6–16, 1986.

HERNÁNDEZ-MENDOZA, M del C.; VÁZQUEZ-LÓPEZ, H. Comportamiento de iguana verde (*Iguana iguana*) Linnaeus, 1758 en la uma Reptilario Cipactli, Puerto Vallarta, Jalisco, México. **BIOCYT Biología, Ciencia y Tecnología**, 9(35): 620-631, 2016.

HIBMA, J. C. Dietary vitamin D3 and UV-B exposure effects on green iguana growth rate: Is full-spectrum lighting necessary? **Bull. Chic. Herpetol. Soc.** 39 (8): 145–150, 2004.

HIRTH, H. F Some aspects of the nature history of *Iguana iguana* on a tropical strand. **Ecology**, Washington, DC, v.3, p. 613-615, 1963.

HUE, S. M. Delícias do descobrimento: a gastronomia brasileira no Século XVI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ICMBIO. Plano de Manejo: Parque Nacional da Tijuca. **Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal**, Brasília, 2008.

IUCN. IUCN Guidelines for Re-introductions. **IUCN group**, UK. 10p, 1998.

IVERSON, J. B. Adaptations to herbivory in iguanine lizards, p 60 –76, *In*: G. M. BURGHARDT, G. M.; RAND, A. S. (eds). Iguanas of the world: Their behavior, ecology and conservation. Noyes Publications, Park Ridge, New Jersey, 1982.

IVERSON, J. B. Lizards as seed dispersers? **J Herpetol**, vol. 19, pp. 292–293, 1985.

JANZEN, D. H. Herbivores and the number of tree species in tropical forests. **American Naturalist**, 104:501–528, 1970.

JORDANO, P.; GALETTI, M.; PIZO, M. A.; SILVA, W. R. Ligando Frugivoria e Dispersão de sementes à biologia da conservação. P 411-436, *in*: DUARTE, C. F.; BERGALLO, H. G.; SANTOS, M. A (eds.). *Biologia da Conservação: essências*. Editorial Rima, São Paulo, Brasil, 2006.

KLEIN, E. H. Observations on the food habits of the green iguana (*Iguana iguana*) in the Department of Choluteca, **Southern Honduras**, 11p., 1977.

KERN JR., W. H. Dealing with Iguanas in the South Florida Landscape. Department of Entomology and Nematology, UF/IFAS Extension, 2018.

KRYSKO, K. L.; ENGE, K. M.; DONLAN, E. M.; SEITZ, J. C.; GOLDEN, E. A. Distribution, Natural History, and Impacts of the Introduced Green Iguana (*Iguana iguana*) in Florida. **Iguana**, vol. 14, n. 3, 2007.

LARA-LÓPEZ, M. D. S; GONZÁLEZ-ROMERO, A. Alimentación de la Iguana iguana (Squamata: Iguanidae) en la Mancha, Veracruz, México. **Acta Zoológica Mexicana**, Veracruz, vol. 85, p. 139-152, 2002.

LASSO, E.; BARRIENTOS, L. S. Epizoochory in dry forest Green iguana: an overlooked seed dispersal mechanism? **Colombia Forestal**, 18(1), p. 151-159, 2015.

LAZELL, J. D. The lizard genus *Iguana* in the Lesser Antilles. **Bulletin Museum Comparative Zoology**, 145, 1–28, 1973.



LEGUIZAMO, I. Plantas leñosas alimento de la iguana. Montería, Universidad de Córdoba-ICFES. 173 p. 1987.

LEUSSINK, J. A. Nematodes on the fauna of the genus *Ozolaimus* in West Indian iguanas. Stud. **Fauna Curacao Other Caribbean Islands**, 8:127-145, 1958.

LIMA, F. C. Ontogenia de *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758): Estágios Embrionários e Desenvolvimento do Esqueleto. 210 f. Tese (Doutorado em Biologia Animal). Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

LOFTIN, H.; TYSON, E. L. Iguanas as Carrion Eaters. **Copeia**, n. 4, p. 515, 1965.

MACHADO, A. S. Composição florística do estrato arbóreo-arbustivo de um trecho de Mata Atlântica no Parna da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. Monografia. Bacharel em Ciências Biológicas. Instituto de Biociências do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

MAGNAGO, L. F. S.; ASSIS, A. M.; FERNANDES, H. Q. B. Floresta Ombrófila Densa Submontana, Montana e Alto-montana. In: SIMONELLI, M.; FRAGA, C. N. Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção no Estado do Espírito Santo. Vitória: IPEMA, 2007.

MARQUES, J. G. W.; GUERREIRO, W. Répteis em uma Feira Nordestina (Feira de Santana, Bahia). Contextualização Progressiva e Análise Conexivo-Tipológica. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** 7(3): 289-295, 2007.

MARTÍNEZ-SILVESTRE, A. Etología clínica de la Iguana verde (*Iguana iguana*). Clinetovet. **Revista clínica de etologia veterinária**, 7 ed, 2017.

MARTINS, L. S. A importância dos sistemas aquáticos na ecologia trófica da lagartixa-da-areia (*Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885) em habitats de dunas de areia. 53 f. Dissertação (Mestrado em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais). Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

MATOS, J. J. B. S. Composição Florística de Espécies Arbóreo-Arbustivas em trecho de borda situado no Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil. Monografia para obtenção de título de Engenheiro Florestal pelo Instituto de Florestas da Universidade Federal rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil, 2007.

MATTOS, C. C. L. V.; MATTOS, M. D. L. V.; LAROCHE, R. C. Aspectos do clima e da flora do Parque Nacional da Tijuca. **Brasil Florestal (Rio de Janeiro)**, 7 (25): 3-12, 1976.

MAYA, R. O. C. A Floresta da Tijuca. 152 p. Rio de Janeiro: Centro de Conservação da Natureza, 1966.

McBEE, R. H.; McBEE, V. H. The hindgut fermentation in the green iguana, *Iguana iguana*. In: BURGHARDT, G. M.; RAND, A. S. (Eds.), *Iguanas of the world: their behavior, ecology and conservation*, pp. 77-83. **Noyes Publ.**, Park Ridge, New Jersey, 1982.

MESHAKA JR., W. E.; SMITH, H. T.; GOLDEN, E.; MOORE, J. A.; FITCHETT, S.; COWAN, E. M.; ENGEMAN, R. M.; SEKSCIENSKI, S. R.; CRESS, H. L. Green iguanas (*Iguana Iguana*): the unintended Consequence of sound Wildlife management Practices in a South Florida Park. **Herpetological Conservation and Biology**, 2(2):149-156, 2007.

MONTANUCCI, R. R. Comparative dentition in four iguanid lizards. **Herpetologica**, 24(4): 305-315, 1968.

MORALES-MÁVIL, J. E. Viabilidad de semillas ingeridas por la iguana verde (*Iguana iguana* L.), em la zona de La Palma, región de Los Tuxtlas, Veracruz, México. Tesis de Maestria. Instituto de Neuroetologia, Universidad Veracruzana. Xalapa, Veracruz, México. 66p. 1997.

MORALES-MÁVIL, J. E.; SÁNCHEZ-MARIN, M. L.; DOMÍNGUEZ, L. E. D. Comparación de la germinación de semillas de *Spondias mombin* ingeridas por la iguana verde (*Iguana iguana*), el tucán (*Ramphastos sulfuratus*) y el mono araña (*Atele geoffroyii*). In: VII Reunión Nacional sobre Iguanas em México, Lázaro Cárdenas, Michoacán, 120p, 2005.

MORALES-MÁVIL, J. E.; VOGT, R. C.; GADSDEN-ESPARZA, H. Desplazamientos de la iguana verde, *Iguana iguana* (Squamata: Iguanidae) durante la estación seca en La Palma, Veracruz, México. **Rev. Biol. Trop.** (Int. J. Trop. Biol. ISSN-0034-7744), vol. 55 (2): 709-715, 2007.

MOREIRA, T. S. Levantamento da Araneofauna (Arachnida: Araneae) do Parque Nacional da Tijuca. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas Modalidade Zoologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MOURA, A. C. de A.; CAVALCANTI, L.; LEITE-FILHO, E.; MESQUITA, D. O.; McCONKEY, K. R. Can green iguanas compensate for vanishing seed dispersers in the Atlantic forest fragments of north-east Brazil? **Journal of Zoology**, 2014.

NOGALES, M.; DELGADO, J. D.; MEDINA, F. M. Shrikes, lizards and *Lycium intricatum* (Solanaceae) fruits: a case of indirect seed dispersal on an oceanic island (Alegranza, Canary Islands). **Journal of Ecology**, 86:866–871, 1998.

OCCHIONI, P. Contribuição ao Estudo da Família Canellaceae. Estudo sobre a Área Geográfica da *C. axillare*: Geologia, Clima. **Arquivos do Jardim Botânico**, vol. 8, pp. 119-159. Separata. 1984.

ODA, R. Estrutura e biodiversidade de insetos associados a galhas de *Mikania glomerata* Spreng. (Asteraceae) em diferentes áreas de Mata Atlântica. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, J. C. F. de; CASTRO, T. M. de. Range extension of *Iguana iguana* Linnaeus, 1758 (Squamata: Iguanidae): the first record of an established population in southeastern Brazil, **Check List**, Rio Grande do Sul, vol. 13, 2017.

OLIVEIRA, R. R.; ZAÚ, A. S.; SILVA, M. B. R.; VIANNA, M. C.; SODRÉ, D. O.; SAMPAIO, P. D. Significado ecológico da orientação de encostas no Maciço da Tijuca, Rio de Janeiro. **Oecologia Brasilienses**; Volume I: Estrutura, Funcionamento e Manejo de Ecossistemas Brasileiros, p. 523-541, 1995.

OSTROM, J. H. Further Comments on Herbivorous Lizards. **Evolution**, vol. 17, n. 3, pp. 368-369, 1963.

PEREIRA, L. M. F.; GURGEL, J. V. O.; SANTANA, G. C. O. M.; GOMES, R. S.; SANTANA, V. S.; PRAZERES JUNIOR, F. R. Obstrução gástrica por ingestão de castanha de caju em *Iguana*. **Ciência Animal**, v. 28, n.3, p. 40-43, 2018.

RAND, A. S. Reptilian arboreal folivores. *In*: MONTGOMERY, G.G. (ed.). *The Ecology of Arboreal Folivores*, Smithsonian Institution Press, Washington, D.C., pp. 115-122, 1978.

RAND, A. S.; DUGAN, B. A.; MONTEZA, H.; VIANDA, D. The Diet of a Generalized Folivore: *Iguana iguana* em Panamá. **Journal of Herpetology**, vol. 24, n. 2, pp. 211-214, 1990.

ROCHA, C. F. D. Introdução à ecologia de lagartos brasileiros. *In*: NASCIMENTO, L. B.; BERNARDES, A.; COTTA, G. A. (eds.). **Herpetologia no Brasil**. 1 ed. Belo Horizonte. PUC-MG, p. 39-57, 1994.

RODDA, G. H. The Mating Behavior of *Iguana iguana*. **Smithsonian Contributions to Zoology**, n. 534, 1992.

SADDI, E. M. Orchidaceae dos Afloramentos Rochosos da Pedra da Gávea, Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro. 119 f. Dissertação (Mestrado em Botânica), Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SALAZAR, M. M.; GARCÍA, J. L. A.; HERNÁNDEZ, L. V.; MARTÍNEZ, G. D. M.; POZOS, R. L. La iguana verde (*Iguana iguana*) y sus parásitos en una unidad de manejo intensivo en la costa de Oaxaca. **Temas de Ciencia y Tecnología**, vol. 19, número 55, pp 43-52, Enero – Abril, 2015.

SALLES, G. P. S.; GUEDES-BRUNI, R. R. Um quebra-cabeça verde: “montando as peças” do reflorestamento empreendido na Floresta da Tijuca. **ANAIS SNCMA**, vol. 8, n. 1, 2017.

SALCEDO, L. J. V. EL PAPEL ECOLÓGICO DE LA *Iguana iguana* L. (IWANA) Y SU INTERACCIÓN CON LA CULTURA WAYUÛ EN BARRANCAS, LA GUAJIRA COMO ESTRATEGIA DE CONSERVACIÓN. Trabajo de grado presentado como requisito parcia para optar el título de Licenciada en Biología. Universidade Pedagógica Nacional, Bogotá, 2018.

SANTOS, N. dos. Contribuição ao Estudo da Flora existente no Parque Nacional da Tijuca. **Rodriguésia**, vol. 31, n. 51, pp. 71-126, 1979.

SANTOS, N. E. F.; DIAS, U. N. S.; BEZERRA, J. K.; SILVA, C. D. A.; RIBEIRO, L. B. Frugivoria e dispersão de sementes por lagartos em ecossistemas brasileiros: uma revisão. **Revista Nordestina de Zoologia**, vol. 6, n. 2, p. 74-102, 2012.

SCHOENER, T. W.; SLADE, J. B.; STINSON, C. H. Diet and sexual dimorphism in the very catholic lizard genus, *Leiocephalus* of the Bahamas. **Oecologia**, vol 53, n. 2, p. 160-169, 1982.

SCHOENER, T. W. The *Anolis* lizards of Bimini: resource partitioning in a complex fauna. *Ecology*, vol. 49, p. 704-726, 1986.

SCHWARTZ, A.; HENDERSON, R. W. Amphibians and reptiles of the West Indies: descriptions, distributions, and natural history. Gainesville, FL: **University of Florida Press**, 1991.

SEDDON, P. J.; ARMSTRONG, D. P.; MALONEY, R. F. 2007. Developing the science of reintroduction biology. *Conservation Biology*, vol. 21, p. 303-312, 2007.

SHINE, R. Ecological causes for the evolution of sexual dimorphism: a review of the evidence. *Quarterly Review of Biology*, vol. 64, p. 419-460, 1989.

SINERVO, B.; MÉNDEZ-DE-LA-CRUZ, F.; MILES, D.B.; HEULIN, B.; BASTIAANS, E.; VILLAGRÁN-SANTA CRUZ, M.; LARA-RESENDIZ, R.; MARTÍNEZ-MÉNDEZ, N.; CALDERÓN-ESPINOSA, M. L.; MEZA-LÁZARO, R. N.; GADSDEN, H.; AVILA, L. J.; MORANDO, M.; RIVA, I. J.; SEPULVEDA, P. V.; ROCHA, C. F. D.; IBARGUENGOYTÍA, N.; PUNTRIANO, C. A.; MASSOT, M.; LEPETZ, V.; OKSANEN, T. A.; CHAPPLE, D. G.; BAUER, A. M.; BRANCH, W. R.; CLOBERT, J.; JUNIOR-SITES, J. W. Erosion of lizard diversity by climate change and altered thermal niches. *Science*, Washington, DC, vol. 328, p. 894–899, 2010.

SIQUEIRA, A. E. (Org.). Guia de campo do Parque Nacional da Tijuca. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IBRAG, 2013.

SOUSA, I. T. F. de. História natural de *Iguana iguana* L. 1758 (Squamata: Iguanidae) em áreas de Caatinga nos Estados da Paraíba e Pernambuco. Monografia de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural. Patos, PB, 2015.

SPIX, J. B. VON. Animalia Nova sive species novae Lacertarum, quas in itinere per Brasiliam annes MDCCCXVII-MDCCCXX jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae regis, 1825.

SWANSON, P. L. The IGUANA *iguana iguana* (L). *Herpetologica*, [S.l.], vol. 30, p. 187-193, 1950.

TIFFNEY, B. H. Seed size, dispersal syndromes, and the rise of the angiosperms: evidence and hypothesis. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, vol. 71, p. 551-576, 1984.

THOMPSON, J. N.; WILSON, M. F. Disturbance and the dispersal of fleshy fruits. **Science**, 200:1161–1163, 1978.

THORNTON, D. M. Social Behaviour, Dietary Preferences and Body Temperatures in a Captive Colony of Green Iguanas (*Iguana Iguana*) in a Naturalistic Environment. **British Herpetological Society Bulletin**, n. 71, 2000.

TOWNSEND, J. H.; SLAPCINSKY, J.; KRYSKO, K. L.; DONLAN, E. M.; GOLDEN, E. A. Predation of a Tree Snail *Drymaeus multilineatus* (Gastropoda: Bulimulidae) by Iguana iguana (Reptilia: Iguanidae) on Key Biscayne, Florida. **Southerasterns Naturalist**, 4(2): 361-364, 2005.

TRAVERSE, A. *Ctenosaura humilis* Gray (Iguanidae) as a seed disperser in a Central American deciduous forest. **Am. Midl. Nat.**, vol. 123, pp. 402–404, 1990a.

TRAVERSE, A. Post-dispersal predation of *Acacia farnesiana* seeds by *Stator vachelliae* (Bruchidae) in Central America. **Oecologia**, 84:506–512, 1990b.

TRAVERSE, A. Seed dispersal of *Cneorum tricoccon* L. (Cneoraceae) by lizards and mammals in the Balearic islands. **Acta Oecologica**, vol. 16, p. 171-178, 1995.

TRAVERSE, A.; SÁEZ, E. Pollination of *Euphorbia dendroides* by lizards and insects: spatiotemporal variation in patterns of flower visitation. **Oecologia**, Berlin, vol. 111, p. 241-248, 1997.

TROYER, K. Diet selection and digestion in *Iguana iguana*: the importance of age and nutrient requirements. **Oecologia**, 61:201- 207, 1984a.

TROYER, K. Behavioral acquisition of the hindgut fermentation system by hatchling *Iguana iguana*. **Behavioral Ecology and Sociobiology**, 14(3): 189–193, 1984b.

TROYER, K. Structure and function of the digestive tract of a herbivorous lizard *Iguana iguana*. **Physiological Zoology**, 57(1): 1–8, 1984c.

VALIDO, A.; NOGALES, M. Frugivory and seed dispersal by the lizard *Gallotia galloti* (Lacertidae) in a xeric habitat of the Canary Islands. **Oikos**, 70:403–411, 1994.

VALIDO, A.; OLESEN, J. M. The importance of lizards as frugivores and seed dispersers. *In*: DENNIS, A. J., SCHUPP, E. W., GREEN, R. J.; WESTCOTT, D. A. (Eds) Seed dispersal, theory and its application in a changing world. Wallingford: CAB International, pp. 124-147, 2007.

van DEVENDER, R. W. Growth and ecology of spiny-tailed and green iguanas in Costa Rica, with comments on the evolution of herbivory and large body size. Pp. 162-183. *In*: BURGHARDT, G. M.; RAND, A. S. (Eds.). Iguanas of the world: their Behavior, Ecology and Conservation. Garland Press. Nueva Jersey, 1982.

van MARKEN LICHTENBELT, W. D. Digestion in an ectothermic herbivore, the green iguana (*Iguana iguana*): Effects of food composition and body temperature. **Physiol. Zool.** vol, 65, p. 649– 673, 1992.

van MARKEN, L., WOUTER, D. Digestion in a ectothermic herbivore, the green iguana (*Iguana iguana*): effect of food composition and body temperature **Physiological Zoology**, Vol. 65, No.3 pp.649-673, 1992.

WERNER, D. Manejo de la iguana verde en el bosque tropical. **Interciencia**, 12(5): 226-229, 1987.

WHITAKER, R. D. The roles of lizards in New Zealand plant reproductive strategies. **New Zealand Journal of Botany**, 25:315–328, 1987.

ZIMMERMAN, B. L.; RODRIGUES, M.T. Frogs, snakes, and lizards of the INPA-WWF reserves near Manaus, Brazil; pp. 426–454, *In*: GENTRY, A.H. (ed.). Four Neotropical rainforests. London: Yale University Press, 1990.

ZUCARATTO, R. Os frutos que as cutias comiam: recrutamento da palmeira *Astrocaryum aculeatissimum* na ausência de seu principal dispersor de sementes. Dissertação. Mestre em Ciências Ambientais e Florestais. Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, Área de Concentração em Conservação da Natureza. Instituto de Florestas. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2013.

## 9. ANEXOS

### ANEXO 1

Tabela 1 - Lista das espécies botânicas consumidas pela *Iguana iguana*.

FAMÍLIA	GÊNERO/ESPÉCIE	PARTE CONSUMIDA	NOME POPULAR	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
ACANTHACEAE	<i>Avicennia germinans</i> (L.) L.	Flores, frutos e sementes	Sereíba, siriúba, siriúva, siribeira, saraíba e mangue-branco	GOVENDER <i>et al.</i> (2012); FALCÓN <i>et al.</i> (2013)
	<i>Bravaisia integerrima</i> (Spreng.) Standl.	Não informada	Nacedero	FAO/PNUMA (1993)
AMARANTACEAE	<i>Achyranthes</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como fia-ponto, folha-galo, folha-ponto, mato-bana	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Amaranthus</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como caruru, bredo, tampala	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Amaranthus tricolor</i> L.	Folhas	Caruru-vermelho, tampala, amaranto	van MARKEN; WOUTER (1992)
	<i>Iresine herbstii</i> Hook.	Não informado	Iresine, coração-magoado	THORNTON (2000)
	<i>Spinacia oleracea</i> L.	Folhas	Espinafre	FAO/PNUMA (1993)
AMARYLLIDACEAE	<i>Pancratium littorale</i> Jacq.	Não informada	Lírio aranha	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)



ANACARDIACEAE	<i>Anacardium excelsum</i> (Bertero & Balb. ex Kunth) Skeels	Folhas e frutos	Caracolí, caju selvagem, espavé	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Folhas, flores e frutos	Acajaíba, caju, caju-anão, cajueiro	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999); PEREIRA <i>et al.</i> (2018)
	<i>Mangifera indica</i> L.	Folhas, flores e frutos	Mangueira	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002); ESCOBAR; CALDERÓN (2003); SALCEDO (2018)
	<i>Metopium brownei</i> (Jacq.) Urb.	Folhas e flores	Chechen prieto, goao de costa	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Não informada	Aroeira-vermelha	GOVENDER <i>et al.</i> (2012); FALCÓN <i>et al.</i> (2013)
	<i>Spondias</i> L.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cajá, cajá-mirim, taperebá, ciriguela	SWANSON (1950); RAND <i>et al.</i> (1990); FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999); ESCOBAR; CALDERÓN (2003); MORALES-MÁVIL <i>et al.</i> (2005)
	<i>Spondias mombin</i> L.	Folhas, frutos e sementes	Cajá, cajazinho, cajá-mirim, cajarana, cajazeira, taperebá	SWANSON (1950); RAND <i>et al.</i> (1990); FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999); ESCOBAR; CALDERÓN (2003); MORALES-MÁVIL <i>et al.</i> (2005)
	<i>Spondias purpurea</i> L.	Folhas e frutos	Ciriguela	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Spondias radlkoferi</i> Donn.Sm.	Folhas e frutos	Cajás	GARZA (1998); SALCEDO (2018)
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Não informada	Tapiriri, tapirirá, fruta de pombo	MOURA <i>et al.</i> (2014)

ANNONACEAE	<i>Annona</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como araticum, guanaba, graviola-do-norte, gravioleira	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Annona acuminata</i> Saff.	Frutos		RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Annona cherimola</i> Mill.	Flores e frutos	Cherimóia	ESQUÍVEL (1999); SALCEDO (2018)
	<i>Annona glabra</i> L.	Não informada	Araticum, araticum-do-brejo	FIGUEIREDO-DE-ANDRADE <i>et al.</i> (2011); BURGOS-RODRÍGUEZ; AVILÉS-RODRÍGUEZ; KOLBE (2016)
	<i>Annona muricata</i> L.	Folhas e frutos	Guanaba, guanábano, jaca-do-pará, araticum-manso, areticum, araticum-de-comer, graviola-do-norte	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
ARACEAE	<i>Colocasia</i> Schott	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como taro, taioba, inhame-branco	FALCÓN <i>et al.</i> (2013)
	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Não informado	Ananas-japonês	THORNTON (2000)
	<i>Philodendron</i> Schott	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como imbé	FAO/PNUMA (1993)

	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Folhas	Orelha-de-elefante, macabo, mangará, mangará-mirim, mangareto, mangarito, taioba, taiova, taiá ou yautia	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Não informado	Copo-de-leite	THORNTON (2000)
ARALIACEAE	<i>Dendropanax arboreus</i> (L.) Decne. & Planch.	Frutos	Palo de danta	DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Didymopanax morototoni</i> (Aubl.) Decne. & Planch.	Não informada	Morototó, mandioqueira, mandioqueiro-branco, mandiocaí, mandiocão, paumandioca	MOURA <i>et al.</i> (2014)
ARECACEAE	<i>Sabal mexicana</i>	Flores	Sabal do México	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Washingtonia robusta</i> H.Wendl.	Não informada	Palmeira-de-leque-do- méxico, palmeira-de- saia, palma-mexicana, palmeira-de-abanico- mexicana	MESHAKA <i>et al.</i> (2014)
ASCLEPIADACEAE		Folhas		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
ASPARAGACEAE	<i>Aloe ciliaris</i> Haw.	Não informado		THORNTON (2000)
	<i>Asparagus asparagoides</i> (L.) Druce	Não informado	Aspargo-de-jardim	THORNTON (2000)
	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques	Não informado	Gravatinha, clorofito	THORNTON (2000)
	<i>Dracaena tricolor</i>	Não informado		THORNTON (2000)

ASTERACEAE		Não informada		CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Não informada	Erva-botão, sucuruína, agrião-do-brejo	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Melampodium</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como flor de ouro, estrelinha, flor amarela, botão de ouro	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Mikania micrantha</i> Kunth	Não informada	Videira amarga, trepadeira de cânhamo	GARZA (1998); CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
APIACEAE	<i>Daucus carota</i> L.	Folhas	Cenoura	ESQUÍVEL (1999)
APOCYNACEAE		Folhas		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Gonolobus</i> Michx.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como mixiú, cipó carambola, cipó sapo	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Tabernaemontana alba</i> Mill.	Folhas	White milkwood	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Thevetia ahouai</i> (L.) A.DC.	Frutos	Agaí, aguaí, auai, cascaveleira e tingui-de-leite	DELFIN <i>et al.</i> (2001)
BIGNONIACEAE	<i>Amphilophium paniculatum</i> (L.) Kunth.	Folhas	Cipó-d'água	RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Ceratophytum tetragonolobum</i> (Jacq.) Sprague & Sandwith	Frutos		RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Crescentia alata</i> Kunth.	Flores		ESQUÍVEL (1999)

	<i>Crescentia cujete</i> L.	Flores	Árvore-de-cuia, cuitê	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Flores	Ipê-roxo	SOUSA (2015)
	<i>Tabebuia rosea</i> (Bertol.) Bertero ex A.DC.	Folhas e flores	Ipê-rosa, pau-d'arco-rosa	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Folhas e frutos	Ipê-de-jardim, guarã-guarã, ipê-amarelo-de-jardim, ipê-mirim, ipezinho-de-jardim, sinos-amarelos	RAND <i>et al.</i> (1990)
BORAGINACEAE	<i>Bouyeria succulenta</i> Jacq.	Folhas, flores e frutos		van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Cordia</i> L.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como uvita, sábio selvagem, siricote	MOURA <i>et al.</i> (2014)
	<i>Cordia acuta</i> Pittier	Não informada		FAO/PNUMA (1993)
	<i>Cordia alba</i> (Jacq.) Roem. & Schult.	Folhas, flores e frutos	Uvita	van MARKEN; WOUTER (1992); van MARKEN LICHTENBELT (1993); BENÍTEZ-MALVIDO <i>et al.</i> (2003)
	<i>Cordia currassavica</i> (Jacq.) Roem. & Schult.	Folhas	Sábio preto, sábio selvagem	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Cordia dentata</i> Poir.	Folhas, flores e frutos	Manjack branco	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
	<i>Cordia dodecandra</i> A.DC.	Frutos	Siricote, ciricote	DELFÍN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Ehretia tinifolia</i> L.	Não informada		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
BROMELIACEAE	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	Frutos	Abacaxi	ESQUÍVEL (1999)

BURSERACEAE	<i>Bursera simaruba</i> (L.) Sarg.	Folhas	Gumbo-limbo, chaca	RAND <i>et al.</i> (1990); FAO/PNUMA (1993); van MARKEN LICHTENBELT (1993); GARZA (1998); DELFÍN <i>et al.</i> (2001); SALCEDO (2018)
	<i>Protium</i> Burm.f.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como almecegueira ou breu branco	MOURA <i>et al.</i> (2014)
CACTACEAE	<i>Cereus repandus</i> (L.) Mill.	Flores	Cacto-do-Perú	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Melocactus curvispinus</i> Pfeiff.	Não informada	Coroa-de-frade	LASSO; BARRIENTOS (2014)
	<i>Pilosocereus lanuginosus</i> (L.) Byles & G.D.Rowley	Flores		van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Stenocereus griseus</i> (Haw.) Buxb.	Flores	Tubo de órgão mexicano, cacto de punhal, pitaya e pitayo de mayo	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
CANNABACEAE	<i>Cannabis sativa</i> L.	Não informada	Cânhamo, maconha, erva-de-santa-maria, diamba, pango, haxixe	GIRLING; FRASER (2011)
CAPPARACEAE	<i>Capparis flexuosa</i> (L.) L.	Folhas e flores	Feijão de boi, feijão-bravo, sapotaia, mussambê indecente	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Capparis frondosa</i> Jacq.	Folhas	Folha-dura, feijão-bravo-preto	RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Capparis odoratissima</i> Jacq.	Folhas e flores	Olivo de Cumaná	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
CARICACEAE	<i>Carica papaya</i> L.	Folhas e frutos	Mamão	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)

CARYOPHYLLACEAE	<i>Stellaria ovata</i> Willd. ex Schltldl.	Folhas		SALCEDO (2018)
CHRYSOBALANACEAE	<i>Licania platypus</i> (Hemsl.) Fritsch	Folhas e frutos	Cabeça de macaco	ESQUÍVEL (1999)
CLUSIACEA	<i>Garcinia mangostana</i> L.	Folhas	Mangostin	SALCEDO (2018)
	<i>Mammea americana</i> L.	Folhas e frutos	Abriçó-da-amazônia, abricoteiro	FAO/PNUMA (1993)
COLVOLVULACEAE	<i>Ipomoea</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como	SWANSON (1950); RAND <i>et al.</i> (1990); FAO/PNUMA (1993); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Folhas	Batata doce	van MARKEN; WOUTER (1992); FAO/PNUMA (1993); GARZA (1998); SALCEDO (2018)
	<i>Ipomoea batatoides</i> Choisy	Não informada	Jetirana	GARZA (1998)
	<i>Ipomoea carnea</i> subsp. <i>fistulosa</i> (Mart. ex Choisy) D.F.Austin	Não informada	Algodão-bravo	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Ipomoea dumosa</i> (Benth.) L.O. Williams	Não informada		GARZA (1998)
	<i>Ipomoea philomega</i> (Vell.) House	Folhas e flores		GARZA (1998)
	<i>Ipomoea rubens</i> Choisy	Não informada		CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Merremia quinquefolia</i> (L.) Hallier f.	Folhas	Cinco folhas	RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Merremia umbellata</i> (L.) Hallier f.	Folhas	Hogvine, merremia amarela, rosa amarela de madeira	RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Operculina pteripes</i> (G.Don) O'Donell	Folhas e frutos		RAND <i>et al.</i> (1990)

	<i>Stictocardia tiliifolia</i> (Desr.) Hallier f.	Folhas		RAND <i>et al.</i> (1990)
COMBRETACEAE	<i>Laguncularia racemosa</i> (L.) C.F.Gaertn.	Não informada	Mangue-branco	FIGUEIREDO-DE-ANDRADE <i>et al.</i> (2011)
	<i>Terminalia catappa</i> L.	Não informada	Amendoeira-da-praia	ESCOBAR; CALDERÓN (2003); GOVENDER <i>et al.</i> (2012)
COMMELINACEAE	<i>Commelina</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como trapoeraba	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Murdannia</i> Royle	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como trapoerabinha, alho bravo	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Rhoeo discolor</i> (L'Hér.) Hance	Não informado		THORNTON (2000)
	<i>Tradescantia</i> L. emend. M.Pell.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como trapoeraba roxa	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
COMPOSITAE	<i>Lactuca sativa</i> L.	Folhas	Alface	FAO/PNUMA (1993)
CRASSULACEAE	<i>Crassula ovata</i> (Mill.) Druce	Não informado	Crássula, planta-de-jade	THORNTON (2000)
CURCUBITACEAE		Folhas		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Citrullus</i> Schrad. ex Eckl. & Zeyh.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como melancia	RAND <i>et al.</i> (1990)



<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Folhas, flores e frutos	Melancia	FAO/PNUMA (1993)
<i>Cucumis</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como melão, pepino	RAND <i>et al.</i> (1990)
<i>Cucumis melo</i> L.	Folhas, flores e frutos	Melão	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
<i>Cucumis sativus</i> L.	Folhas e flores	Pepino	FAO/PNUMA (1993)
<i>Cucurbita</i> L.	Folhas e flores	Gênero representado pelas espécies conhecidas como abóboras	FAO/PNUMA (1993)
<i>Luffa cylindrica</i> (L.) M.Roem.	Folhas	Bucha, esfregão	FAO/PNUMA (1993)
<i>Momordica charantia</i> L.	Folhas e frutos	Melão são caetano	RAND <i>et al.</i> (1990); GARZA (1998); BENÍTEZ-MALVIDO <i>et al.</i> (2003)
<i>Psiguria triphylla</i> (Miq.) C.Jeffrey	Não informada		GARZA (1998)
<i>Sycios edulis</i> Jacq.	Folhas e flores	Chuchu	FAO/PNUMA (1993)
CYPERACEAE	Não informada		FIGUEIREDO-DE-ANDRADE <i>et al.</i> (2011)
<i>Cyperus</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como tiririca, tiriricão	RAND <i>et al.</i> (1990)
<i>Cyperus alternifolius</i> L.	Não informado		THORNTON (2000)
DILLENACEAE	Não informada	Cipó de fogo	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
<i>Doliocarpus dentatus</i> (Aubl.) Stand.			

DIOSCOREACEAE	<i>Dioscorea alata</i> L.	Folhas e flores	Cará-inhame, cará, inhame	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Dioscorea trifida</i> L.f.	Folhas	Cará-branco, cará-roxo	SALCEDO (2018)
EUPHORBIACEAE	<i>Alchornea castaneifolia</i> (Willd.) A.Juss.	Não informada	Iporuru, iricurana, urucurana	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Chamaesyce densiflora</i>	Folhas		RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Croton</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cróton	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Manihot sculenta</i> Crantz	Não informada	Mandioca, macaxeira, aipim	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong.	Não informada	Burra-leiteira, janaguba, seringarana	LEGUIZAMO (1987); FAO/PNUMA (1993)
	<i>Sapium obovatum</i> Klotzsch ex Müll.Arg.	Não informada	Sarã	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
GESNERIACEAE	<i>Kohleria bogotensis</i> (G. Nicholson) Fritsch	Não informado		THORNTON (2000)
GRAMINEAE		Folhas		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002); FIGUEIREDO-DE-ANDRADE <i>et al.</i> (2011)
HELICONIACEAE	<i>Heliconia</i> L.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como caeté, bananeira do mato	GOVENDER <i>et al.</i> (2012)
HERNANDIACEAE	<i>Gyrocarpus americanus</i> Jacq.	Folhas	Cedro branco	ESQUÍVEL (1999)
LAMIACEAE	<i>Aegiphila laevis</i> (Aubl.) Gmel.	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)

LAURACEAE	<i>Nectandra</i> Rol. ex Rottb.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como canela-branca, canela-fedorenta, canela-amarela	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Nectandra ambigens</i> (S.F.Blake) C.K.Allen	Não informada		GARZA (1998)
	<i>Persa americana</i> Mill.	Folhas e frutos	Abacate	SALCEDO (2018)
LEGUMINOSAE		Folhas		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002); GOMEZ-CARRASQUILLO <i>et al.</i> (2007); FIGUEIREDO-DE-ANDRADE <i>et al.</i> (2011)
	<i>Acacia</i> Mill.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como acácias	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Acacia tortuosa</i> (L.) Willd.	Folhas, flores e frutos	Acacia , poponax, huisachillo	van MARKEN; WOUTER (1992); van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart	Folhas	Angico branco, farinha seca	ESQUÍVEL (1999)
	<i>Caesalpinia bonduc</i> (L.) Roxb.	Não informada		KRYSKO <i>et al.</i> (2007)
	<i>Caesalpinia coriaria</i> (Jacq.) Willd.	Folhas, flores e frutos	Divi-divi, cascalote, guaracabuya, guatapana, nacascol, watapana	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Folhas, flores e frutos	Guando, feijão-guandú	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)

<i>Cassia</i> L.	Folhas e flores	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cácia	FAO/PNUMA (1993); SALCEDO (2018)
<i>Cassia grandis</i> L.f.	Folhas	Marimari	LEGUIZAMO (1987); ESQUIVEL (1999)
<i>Centrosema plumieri</i> (Turpin ex Pers.) Benth.	Folhas	Centrosema	RAND <i>et al.</i> (1990)
<i>Clitoria</i> L.	Folhas e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como clitória	FAO/PNUMA (1993)
<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A.Howard	Folhas, flores e botões florais		FAO/PNUMA (1993)
<i>Crotalaria</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como crotalária	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Flores	Flamboyant	FAO/PNUMA (1993)
<i>Desmodium</i> Desv.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pega pega, carrapicho-beiço-de-boi	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
<i>Enterolobium cyclocarpum</i> (Jacq.) Griseb.	Folhas e frutos	Guanacaste	FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999)

<i>Erythrina</i> L.	Folhas, flores e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como eritrinas	FAO/PNUMA (1993)
<i>Erythrina costaricensis</i> Micheli	Não informada		FAO/PNUMA (1993)
<i>Gliricidia sepium</i> (Jacq.) Kunth ex Walp.	Folhas e flores	Gliricídia	FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002); ESCOBAR; CALDERÓN (2003)
<i>Glycine</i> Willd.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como soja	ESQUIVEL (1999)
<i>Haematoxylon brasiletto</i> H.Karst.	Folhas, flores e frutos	Azullilo, palo brasil	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Folhas e flores	Jatobá	FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999); SALCEDO (2018)
<i>Inga uraguensis</i> Hook. & Arn.	Não informada	Inga, ingá-do-brejo, ingá-banana, angá, ingá, ingazeiro	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
<i>Lablab purpureus</i> (L.) Sweet	Folhas, flores e frutos	Lablab, feijão lablab	FAO/PNUMA (1993)
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Folhas	Leucena	FAO/PNUMA (1993); SOUSA (2015)
<i>Lonchocarpus pentaphyllus</i> (Poir.) DC.	Folhas		TROYER (1984)
<i>Lonchocarpus sericeus</i> (Poir.) Kunth ex DC.	Folhas	Embira-de-sapo, timbó	SOUSA (2015)
<i>Lysiloma divaricatum</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	Folhas	Pau branco	FAO/PNUMA (1993)

<i>Mimosa</i> L.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como dormideira, sensitiva, dorme-dorme	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
<i>Mimosa pudica</i> L.	Folhas	Dormideira, sensitiva, dorme-dorme, não-me-toques	FAO/PNUMA (1993)
<i>Mucuna</i> Adans.	Folhas e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas popularmente como feijão-da-florida	FAO/PNUMA (1993)
<i>Peltophorum pterocarpum</i> (DC.) Backer ex Heyne	Não informada	Flamboyant amarelo	BURGOS-RODRÍGUEZ; AVILÉS-RODRÍGUEZ; KOLBE (2016)
<i>Phaseolus</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como feijão	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Folhas, flores e frutos	Feijão comum	FAO/PNUMA (1993); SALCEDO (2018)
<i>Pithecellobium dulce</i> (Roxb.) Benth.	Frutos	Mata fome	LEGUIZAMO (1987); RAND <i>et al.</i> (1990); BENÍTEZ-MALVIDO <i>et al.</i> (2003); GOVENDER <i>et al.</i> (2012)
<i>Pithecellobium oblogum</i> Benth.	Folhas		RAND <i>et al.</i> (1990)
<i>Pithecellobium saman</i> (Jacq.) Benth.	Folhas e flores	Burdão-de-velho	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Folhas	Algaroba	SOUSA (2015)

<i>Pterocarpus</i> Jacq.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pau-santo	BURGOS-RODRÍGUEZ; AVILÉS-RODRÍGUEZ; KOLBE (2016)
<i>Pterocarpus officinales</i> (Jacq.)	Não informada	Mututi	FIGUEIREDO-DE-ANDRADE <i>et al.</i> (2011)
<i>Tamarindus</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas popularmente como tamarindeiras	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
<i>Tamarindus indica</i> L.	Não informada	Tamarindeira	ESCOBAR; CALDERÓN (2003)
<i>Vicia faba</i> L.	Folhas, flores e frutos	Fava, fava-comum, feijão-fava, fava silvestre, fava-italiana	FAO/PNUMA (1993)
<i>Vigna</i> Savi	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas popularmente como feijão-caupi, feijão-miúdo, feijão-de-corda	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Folhas, flores e frutos	Feijão-caupi, feijão-miúdo, feijão-de-corda	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
<u>MALPIGHIACEAE</u>	<i>Bunchosia lindeniana</i> A.Juss.	Frutos	DELFIN <i>et al.</i> (2001)

	<i>Byrsonima</i> Rich. ex Kunth	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas popularmente como murici, muruci, muricizeiro e murici-da-praia	MOURA <i>et al.</i> (2014)
	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth.	Não informada	Muruci	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Malpighia emarginata</i> D.C.	Folhas, flores e frutos	Acerola	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
MALVACEAE		Folhas		LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Abutilon</i> Mill.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas popularmente como sininho	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Folhas, flores e botões florais	Barriguda, paineira-branca	SOUSA (2015)
	<i>Ceibra pentandra</i> (L.) Gaertn.	Folhas	Mafumeira, sumaúma, samaúma	SWANSON (1950)
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Folhas e flores	Araticum-bravo, mutamba	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Heliocarpus appendiculatus</i> Turcz.	Não informada	Jonote	GARZA (1998)



	<i>Hibiscus</i> L.	Folhas e flores	Gênero representado pelas espécies conhecidas popularmente como hibisco	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Hibicus rosa</i>	Flores	Mimo-de-vênus, hibisco, graxa-de-estudante	van MARKEN; WOUTER (1992)
	<i>Luehea candida</i> (Moc. & Sessé ex DC.) Mart.	Folhas e flores		ESQUÍVEL (1999)
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Flores	Monguba	AMBROSSY (1992)
	<i>Pachira quinata</i> (Jacq.) W.S.Alverson	Não informada	Pochote	LEGUIZAMO (1987)
	<i>Robinsonella mirandae</i> Gómez Pompa	Não informada		GARZA (1998)
	<i>Sida</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como guanxuma ou vassoura	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
MELASTOMATACEAE	<i>Conostegia xalapensis</i> (Bonpl.) D. Don ex DC.	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Miconia argentea</i> (Sw.) Dc.	Sementes	Folha de estanho	SWANSON (1950)
MELIACEAE	<i>Trichilia martiana</i> C.DC.	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Trichilia trifolia</i> L.	Folhas		van MARKEN; WOUTER (1992); van MARKEN LICHTENBELT (1993)
MORACEAE	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Folhas e frutos	Fruta-pão, árvore-do-pão	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
	<i>Castilla elastica</i> Cerv.	Flores e frutos		SALCEDO (2018)
	<i>Chlorophora tinctoria</i> (L.) Gaudich. ex B.D. Jackson	Folhas	Taiúva	ESQUÍVEL (1999)

	<i>Ficus</i> L.	Folhas, flores e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como figueiras	KLEIN (1977); LEGUIZAMO (1987); RAND <i>et al.</i> (1990); FAO/PNUMA (1993); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Ficus americana</i> Aubl.	Frutos	Mata-pau, figueira-vermelha	DELFÍN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Ficus aurea</i> Nutt.	Não informada	Ficus estrangulador da Flórida	KRYSKO <i>et al.</i> (2007)
	<i>Ficus benjamina</i> L.	Folhas	Fícus-benjamim, figueira-benjamim, figueira	SOUSA (2015)
	<i>Ficus cotinifolia</i> Kunth.	Não informada	Amate negro	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Ficus insipida</i> Willd.	Frutos		DOMÍNGUEZ (2005)
	<i>Ficus maxima</i> Mill.	Folhas	Caxinguba	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Ficus pertusa</i> L.f.	Frutos	Apuí	DELFÍN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Ficus tecolutensis</i> (Liebm.) Miq.	Frutos		DOMÍNGUEZ (2005)
	<i>Ficus tuerckheimii</i> Standl.	Frutos		DOMÍNGUEZ (2005)
	<i>Ficus yoponensis</i> Desv.	Não informada		GARZA (1998)
MUNTINGIACEAE	<i>Muntingia calabura</i> L.	Não informada	Tamanuã	FAO/PNUMA (1993)
MUSACEAE	<i>Musa</i> L.	Frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como bananeira	FAO/PNUMA (1993); VÁZQUEZ-LÓPEZ (2016)
	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Folhas e frutos	Bananeira	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999); SALCEDO (2018)
MYRTACEAE	<i>Eugenia</i> L.	Folhas, flores e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como grumixama	FAO/PNUMA (1993)

	<i>Eugenia acapulcensis</i> Steud.	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Eugenia foetida</i> Pers.	Não informada	Rolha espanhola, rolha de folhas de boxe	KRYSKO <i>et al.</i> (2007)
	<i>Pimenta dioica</i> (L.) Merr.	Frutos	Pimenta-da-jamaica	DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Psidium guajava</i> L.	Flores e frutos	Goiabeira	FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999)
NYCTAGINACEAE	<i>Boerhavia scandens</i> L.	Folhas		van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Guapira</i> Aubl.	Folhas e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como João-mole, bucho-de-sapo	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Pisonia aculeata</i> L.	Folhas	Espora de galo	RAND <i>et al.</i> (1990)
OLACACEAE	<i>Ximenia americana</i> L.	Folhas e frutos	Limãozinho, limãozinho-do-mato, ameixa-do-mato	SWANSON (1950)
OLEACEAE	<i>Jasminum</i> L.	Folhas, flores e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como jasmim	KRYSKO <i>et al.</i> (2007)
ORCHIDACEAE	<i>Cymbidium hybrids</i>	Não informado		THORNTON (2000)
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora</i> L.	Folhas e flores	Gênero representado pelas espécies conhecidas como maracujá	FAO/PNUMA (1993); ESQUIVEL (1999)
	<i>Passiflora caerulea</i> L.	Não informado		THORNTON (2000)
	<i>Passiflora cookii</i> Killip	Não informada		GARZA (1998)
PHYTOLACCACEAE	<i>Trichostigma octandrum</i> (L.) H. Walter	Frutos	Tricostigma	DELFIN <i>et al.</i> (2001)

POACEAE	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Não informado	Capim-citronela	THORNTON (2000)
	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	Não informada	Capim-seda, pé-de-galinha, grama bermudas	FAO/PNUMA (1993); CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Cynodon plectostachyus</i> (K.Schum.) Pilg.	Não informada	Grama estrela	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Panicum</i> L.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como capim colonião	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Paspalum notatum</i> Flügge	Não informada	Grama batatais, grama forquilha	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Zea mays</i> L.	Frutos	Milho	ESQUIVEL (1999)
POLYGONACEAE	<i>Coccoloba</i> P.Browne	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como canassu	van MARKEN LICHTENBELT (1993); MOURA <i>et al.</i> (2014)
	<i>Coccoloba hondurensis</i> Lundell.	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	Não informada	Novateiro	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
PRIMULACEAE	<i>Parathesis lenticellata</i> Lundell	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Parathesis psychotrioides</i> Lundell.	Frutos		DELFIN <i>et al.</i> (2001)
RANUNCULACEAE	<i>Clematis dioica</i> L.	Não informada		GARZA (1998)
RHAMNACEAE	<i>Condalia henriquezii</i> Bold.	Folhas e frutos		van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Gouania lupuloides</i> (L.) Urb.	Folhas		RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Não informado	Juazeiro	SOUSA (2015)

RHIZOPHORACEAE	<i>Rhizophora mangle</i> L.	Folhas e flores	Mangue-vermelho	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002); GOMEZ-CARRASQUILLO <i>et al.</i> (2006); GOVENDER <i>et al.</i> (2012)
RUBIACEAE	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Folhas	Murta-do-mato	RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Genipa americana</i> L.	Não informada	Jenipapeiro	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Genipa americana</i> L. var. <i>americana</i>	Folhas e frutos	Jenipapeiro	RAND <i>et al.</i> (1990)
	<i>Hamelia</i> Jacq.	Frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como carauí-tanga	LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Hamelia patens</i> Jacq.	Frutos	Mato de oreção, valmoura	KRYSKO <i>et al.</i> (2007)
	<i>Ixora</i> L.	Não informado	Gênero representado pelas espécies conhecidas como ixoras	THORNTON (2000)
	<i>Machaonia otonis</i>	Folhas		van MARKEN LICHTENBELT (1993)
	<i>Randia aculeata</i> L.	Folhas, flores e frutos	Indigoberry branco	van MARKEN LICHTENBELT (1993)
RUTACEAE	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Folhas e flores	Laranja, laranja-doce, laranja-pêra, laranja-baía	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
SALICACEAE	<i>Banara arguta</i> Briq.	Não informada	Durão	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Xylosma panamensis</i> Turcz.	Folhas e frutos		FAO/PNUMA (1993)
SAPINDACEAE		Folhas		RAND <i>et al.</i> (1990); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw.	Folhas	Balãozinho	RAND <i>et al.</i> (1990)

	<i>Paullinia</i> L.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como guaraná	LEGUIZAMO (1987); LARA-LOPEZ; GONZÁLEZ-ROMERO (2002)
	<i>Paullinia spicata</i> Benth.	Não informada		CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Serjania curassavica</i> (L.) Radlk.	Folhas		van MARKEN LICHTENBELT (1993)
SAPOTACEAE	<i>Manilkara</i> Adans.	Folhas, flores e frutos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como maçaranduba	FAO/PNUMA (1993); ESQUÍVEL (1999)
	<i>Pouteria</i> Aubl.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como bapeba	RAND <i>et al.</i> (1990); MOURA <i>et al.</i> (2014)
	<i>Sideroxylon capiri</i> (A.DC.) Pittier	Folhas		ESQUÍVEL (1999)
SMILACACEAE	<i>Smilax</i> L.	Não informada	Gênero representado pelas espécies conhecidas como japecanga, cipó japecanga, salsaparrilha e aputá	MOURA <i>et al.</i> (2014)
	<i>Smilax domingensis</i> Willd.	Frutos	Salsaparrilha	DELFÍN <i>et al.</i> (2001)
SOLANACEAE	<i>Capsicum futescens</i> L.	Folhas e flores	Pimenta malagueta	ESQUÍVEL (1999)
	<i>Cestrum nocturnum</i> L.	Frutos	Jasmim-da-noite, flor-da-noite, dama-da-noite	DELFÍN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Cestrum racemosum</i> Ruiz & Pav.	Frutos		DELFÍN <i>et al.</i> (2001)

	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Frutos	Tomate	BENÍTEZ-MALVIDO <i>et al.</i> (2003)
URTICACEAE	<i>Cecropia</i> Loefl.	Folhas	Gênero representado pelas espécies conhecidas como embaúba	FAO/PNUMA (1993)
	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.	Não informada	Embaúba	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Cecropia peltata</i> L.	Folhas e flores	Embaúba e caxeta	RAND <i>et al.</i> (1990); ESCOBAR; CALDERÓN (2003)
	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew	Folhas	Urtiga	RAND <i>et al.</i> (1990)
VITACEAE	<i>Cissus spinosa</i> Cambess.	Não informada	Cipó-de-arraia	CAMPOS <i>et al.</i> (2014)
	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Folhas e frutos	Insulina vegetal	RAND <i>et al.</i> (1990); DELFÍN <i>et al.</i> (2001)
	<i>Vitis tiliifolia</i> Humb. & Bonpl. ex Schult.	Não informada	Uva do Caribe	GARZA (1998)
ZINGIBERACEAE		Não informado		THORNTON (2000)

## ANEXO 2

Tabela 2 – Lista das espécies botânicas encontradas no PNT.

FAMÍLIA	GÊNERO/ESPÉCIE	NOME POPULAR	ORIGEM	LOCALIZAÇÃO	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
ACANTHACEAE				Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
AMARYLLIDACEAE				Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); ICMBio (2008)
ANACARDIACEAE				Floresta da Tijuca	MATOS (2007)
	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Cultivada	Morro do Mateus	ICMBio (2008); Monitor Carlinhos
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira-vermelha	Nativa	Morro do Ramalho, Morro do Mateus, Morro do Elefante e todos os lugares que foram feito replantios	ICMBio (2008), Monitor Carlinhos
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Peito-de-pombo	Nativa	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
ANNONACEAE				Floresta da Tijuca	MATOS (2007); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
	<i>Annona</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como araticum, guanaba, graviola-do-norte, gravioleira		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)
APIACEAE				Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
APOCYNACEAE				Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); ICMBio (2008); MACHADO (2010); COUTINHO (2020)



ARACEAE			Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); GENES <i>et al.</i> (2019)
	<i>Monstera</i> Adans.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como ananas-japonês	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Philodendron</i> Schott	Gênero representado pelas espécies conhecidas como imbé	Pedra Bonita, Morro do Archer, Mocke-Cochrane, Mata do Pai Ricardo e Morro do Sumaré	ICMBio (2008)
ARALIACEAE			Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); COUTINHO (2020)
	<i>Didymopanax</i> Decne. & Planch.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como morototó, mandioqueira, mandioqueiro-branco, mandiocaí	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
ARECACEAE			Floresta da Tijuca	MATOS (2007); ICMBio (2008); MACHADO (2010); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
ASTERACEAE	<i>Eclipta</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como erva-botão, sucuruína, agrião-do-brejo	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Mikania</i> Willd.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como videira amarga, trepadeira de cânhamo	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)

BIGNONIACEAE			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); MATOS (2007); ICMBio (2008); COUTINHO (2020)
	<i>Amphilophium</i> Kunth	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cipó-d'água	Floresta da Tijuca	FIGUEIRA (2011)
	<i>Handroanthus</i> Mattos	Gênero representado pelas espécies conhecidas como ipê roxo	Floresta da Tijuca	COUTINHO (2020)
	<i>Tabebuia</i> Gomes ex DC.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como ipês	Moganga, Mirante Dona Marta e Praça dos Macucos, replantada no Quitite	SANTOS (1979); ICMBio (2008); MACHADO (2010); FIGUEIRA (2011); COUTINHO (2020)
BORAGINACEAE	<i>Cordia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como uvita, sábio selvagem, siricote	Morro do Sumaré, Vista Chinesa	SANTOS (1979); ICMBio (2008); MACHADO (2010); COUTINHO (2020)
BROMELIACEAE			Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
BURSERACEAE	<i>Protium</i> Burm.f.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como almecegueira ou breu branco	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
CACTACEAE			Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
CARICACEAE			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); ICMBio (2008); COUTINHO (2020)
CHRYSOBALANACEAE			Floresta da Tijuca	MACHADO (2010)
	<i>Licania</i> Aubl.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cabeça de macaco	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)

CLUSIACEAE	<i>Garcinia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como mangostim	Floresta da Tijuca	MACHADO (2010)
COMBRETACEAE	<i>Terminalia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como amendoeira-da-praia	Floresta da Tijuca Floresta da Tijuca	SANTOS (1979) ICMBio (2008); FIGUEIRA (2011); COUTINHO (2020)
COMMELINACEAE	<i>Commelina</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como trapoeraba	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
CYPERACEAE	<i>Cyperus</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como tiririca, tiriricão	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
DIOSCOREACEAE	<i>Dioscorea</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cará-inhame, cará, inhame	Mocke-Cochrane	ICMBio (2008)
EUPHORBIACEAE	<i>Alchornea</i> Sw.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como iporuru, iricurana, urucurana	Floresta da Tijuca próximo a Gruta do Archer e Açude da Solidão	SANTOS (1979); MATOS (2007) MATOS (2007); ICMBio (2008); MACHADO (2010); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
	<i>Croton</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como cróton	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)
	<i>Sapium</i> Jacq.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como burra-leiteira, janaguba, seringarana, sarã	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
GRAMINEA			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979)

LAMIACEAE	<i>Aegiphila</i> Jacq.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pau-gaióla, tamanqueira	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
LURACEAE	<i>Nectandra</i> Rol. ex Rottb.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como canela-branca, canela-fedorenta, canela-amarela	Pedra Bonita e Mocke-Cochrane	ICMBio (2008); MACHADO (2010); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
LEGUMINOSAE	<i>Acacia</i> Mill.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como acácias	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); FIGUEIRA (2011)
	<i>Albizia</i> Durazz.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como angico branco, farinha seca	Floresta da Tijuca	COUTINHO (2020)
	<i>Caesalpinia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pau-ferro	Paineiras, Degrau, replantada no Quitite	SANTOS (1979); ICMBio (2008); FIGUEIRA (2011)
	<i>Cassia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como marimari e cássias	Mocke-Cochrane, Mesa do Imperador, próximo ao Banco Biológico do Mico Leão	SANTOS (1979); ICMBio (2008); FIGUEIRA (2011)
	<i>Centrosema</i> (DC.) Benth.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como centrosema	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Clitoria</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como sombreiro	Floresta da Tijuca	FIGUEIRA (2011)

<i>Crotalaria</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como crotalária		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
<i>Enterolobium</i> Mart.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como guanacaste		ocorrendo entre Mesa do Imperador e Alto da Boa Vista; replantado nos Morros Taunay e Escragnolle e no Quitite	SANTOS (1979); ICMBio (2008); FIGUEIRA (2011); COUTINHO (2020)
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Nativa	Hípica; trilha adaptada Dom Pedro Augusto, Lagoinha e Mato Escuro	SANTOS (1979); ICMBio (2008); Monitor Gilson
<i>Inga</i> Mill.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como inga, ingá-do-brejo, ingá-banana, angá, ingá, ingazeiro		Paineiras, Silvestre, Corcovado, Vista Chinesa, Mirante Dona Marta, Estrada do Sumaré, replantada no Quitite	SANTOS (1979); ICMBio (2008); MACHADO (2010); GENES <i>et al.</i> (2019)
<i>Mimosa</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como dormideira, sensitiva, dorme-dorme, não-me-toques		Ocorre no Mirante Dona Marte e Moganga	SANTOS (1979); ICMBio (2008)
<i>Peltophorum</i> (Vogel) Benth.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como farinha seca		Replantado nos Morros Taunay e Escragnolle e Quitite	

	<i>Pithecellobium</i> Mart.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como mata-fome, burdão-de-velho		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Pterocarpus</i> Jacq.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pau-santo		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
<hr/>					
MALPIGHIACEAE					
	<i>Bunchosia</i> Rich. ex Juss.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como manteiga-de-amendoim, cereja-silvestre, caferana		Floresta da Tijuca Morro do Archer, Mocke-Cochrane e Mata do Pai Ricardo	MACHADO (2010) ICMBio (2008)
	<i>Byrsonima</i> Rich. ex Kunth	Gênero representado pelas espécies conhecidas como muruci		Morro do Sumaré, Vista Chinesa	SANTOS (1979); ICMBio (2008); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
<hr/>					
MALVACEAE					
	<i>Abutilon</i> Mill.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como sininho		Floresta da Tijuca	FIGUEIRA (2011); COUTINHO (2020)
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	Nativa	Replantada no Quitite	
	<i>Hibiscus</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como hibisco		Pedra Bonita e Morro do Archer	ICMBio (2008)
	<i>Luehea</i> Willd.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como açoita-cavalo		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)

	<i>Sida</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como guanxuma, vassoura	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
<hr/>				
MELASTOMATACEAE			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); MACHADO (2010)
	<i>Miconia</i> Ruiz & Pav.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como folha de estanho	próximo da Gruta do Archer e Paulo e Virgínia, Vista Chinesa, Mesa do Imperador, Sumaré, Estrada do Cristo, Pico da Tijuca, Corcovado, Paineiras, Pedra Bonita, Três Rios, replantada no Quitite	SANTOS (1979); MATOS (2007); ICMBio (2008); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
<hr/>				
MELIACEAE			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); FIGUEIRA (2011)
	<i>Trichilia</i> P.Browne	Gênero representado pelas espécies conhecidas como catiguá-vermelho, catiguá	próximo a Gruta do Archer, Cachoeira das Almas, Paulo e Virgínia, Floresta da Tijuca, Pedra Bonita, Morro do Archer, Mata do Pai Ricardo e Morro do Sumaré	MATOS (2007); ICMBio (2008); MACHADO (2010); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
<hr/>				
MORACEAE	<i>Artocarpus</i> J.R.Forst. & G.Forst.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como fruta-pão, árvore-do-pão	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019)
	<i>Ficus</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como figueiras	Pedra Bonita, Morro do Archer e Mocke-Cochrane	SANTOS (1979); MOTA (2007); MACHADO (2010); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019)

	<i>Ficus insipida</i> Willd.		Nativa	Espalhadas pelo PNT, Cova da Onça, Barracão, com maior concentração perto da Fazenda Boa Vista	ICMBio (2008); Monitores Carlinhos e Gilson
	<i>Ficus maxima</i> Mill.		Nativa	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Ficus pertusa</i> L.f.		Nativa	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
MUSACEAE	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Bananeira	Cultivada	Sentido Morro do Elefante	ICMBio (2008); Monitor Carlinhos
MYRTACEAE	<i>Eugenia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como grumixama		Floresta da Tijuca próximo da gruta do Archer, Pedra Bonita, Morro do Archer, Mocke-Cochrane e Morro do Sumaré, acima dos viveiros do Mico Leão, na terceira curva abaixo do Tanque de Pedras, acima do Banco Biológico do Mico Leão e próximo ao Hotel das Paineiras, replantada no Quitite	SANTOS (1979) SANTOS (1979); MATOS (2007); ICMBio (2008); MACHADO (2010); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
	<i>Pimenta</i> Lindl.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pimenta		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Naturalizada	Morro do Elefante	ICMBio (2008); GENES <i>et al.</i> (2019); Monitor Carlinhos



NYCTAGINACEAE	<i>Guapira</i> Aubl.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como maria-faceira		próximo a Cachoeira das Almas	MATOS (2007); ICMBio (2008); MACHADO (2010); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
	<i>Pisonia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como espora-de-galo		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
OLACACEAE				Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); COUTINHO (2020)
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como maracujá		Morro do Archer e Mata do Pai Ricardo	ICMBio (2008)
POACEAE	<i>Panicum</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como capim-mombaça		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Paspalum</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como gramíneas paspalum, bahia, gramíneas ou dallis		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
POLYGONACEAE	<i>Coccoloba</i> P.Browne	Gênero representado pelas espécies conhecidas como uva da Amazônia		Floresta da Tijuca, Morro do Pai Ricardo e Morro do Sumaré	ICMBio (2008), COUTINHO (2020)
RANUNCULACEAE	<i>Clematis dioica</i> L.		Nativa	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
RHAMNACEAE	<i>Gouania</i> Jacq.			Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
RUBIACEAE				Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); GENES <i>et al.</i> (2019)
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Murta-do-mato	Nativa	próximo a Paulo e Virgínia	MATOS (2007); ICMBio (2008); MACHADO (2010); COUTINHO (2020)
	<i>Genipa americana</i> L. var. <i>americana</i>	Jenipapeiro	Nativa	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)

	<i>Ixora</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como ixoras	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)
	<i>Randia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como guaticuruzú	Floresta da Tijuca	MATOS (2007); ICMBio (2008)
RUTACEAE			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); MATOS (2007); MACHADO (2010); GENES <i>et al.</i> (2019)
	<i>Citrus</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como laranjas	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
SAPINDACEAE			Floresta da Tijuca	SANTOS (1979); FIGUEIRA (2011); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020)
	<i>Paullinia</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como guaraná	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
	<i>Serjania</i> Mill.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como timbó-do-campo	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
SALICACEAE			Floresta da Tijuca	MACHADO (2010); COUTINHO (2020)
	<i>Xylosma</i> G.Forst.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como espinho-agulha	Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)
SAPINDACEAE			Floresta da Tijuca	MATOS (2007); MACHADO (2010); COUTINHO (2020)
SAPOTACEAE			Floresta da Tijuca	GENES <i>et al.</i> (2019)

	<i>Manilkara</i> Adans.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como maçaranduba		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)
	<i>Pouteria</i> Aubl.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como abiurana açú		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008); MACHADO (2010)
	<i>Sideroxylon</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como fruta-milagrosa		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
SMILACACEAE	<i>Smilax</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como salsaparrilha		Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)
SOLANACEAE	<i>Capsicum</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como pimenta-malagueta e pimenta-tabasco		Floresta da Tijuca Floresta da Tijuca	SANTOS (1979) ICMBio (2008)
	<i>Cestrum</i> L.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como coerana		Mocke-Cochrane	ICMBio (2008)
URTICACEAE	<i>Cecropia</i> Loefl.	Gênero representado pelas espécies conhecidas como embaubas		Floresta da Tijuca, replantada no Quitite	SANTOS (1979)
	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.	Embauba	Nativa	Cascatinha e nas matas mais altas e na parte de baixo	ICMBio (2008); GENES <i>et al.</i> (2019); COUTINHO (2020); Monitores Gilson e Carlinhos
	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew	Urtiga	Nativa	Próximo a Casa do Pesquisador	ICMBio (2008); Monitor Carlinhos
	<i>Cissus</i> L.			Floresta da Tijuca	ICMBio (2008)



ANEXO 3

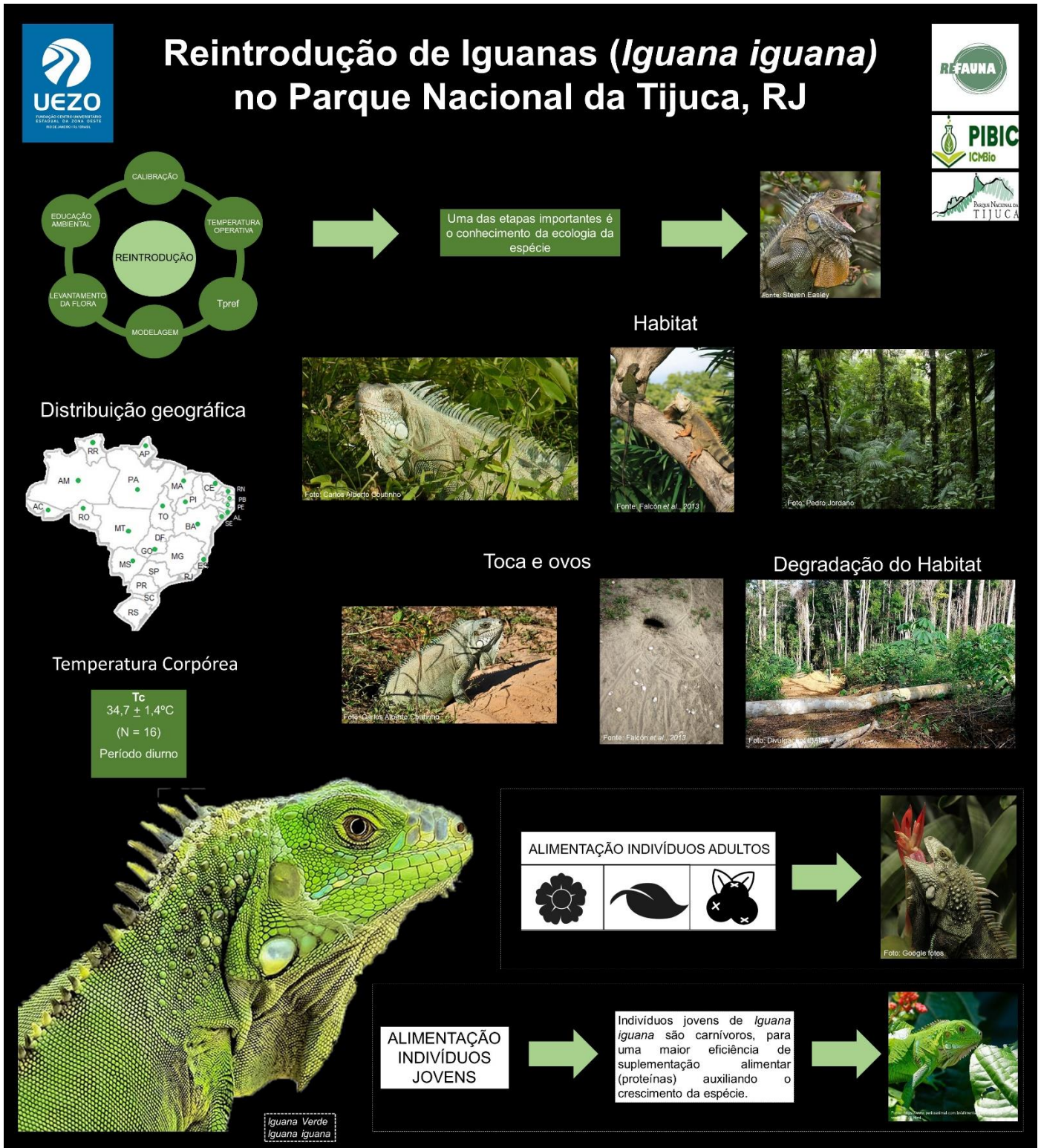


Figura 8 – Pôster utilizado no evento Bio na Rua da UFRJ.

## ANEXO 4



# Determinação de áreas potenciais para uma futura reintrodução de *Iguana iguana* (Iguanidae) no Parque Nacional da Tijuca

Glauco de M. Siqueira (IC)<sup>1\*</sup>, Marina C. dos S. Teixeira (IC)<sup>2</sup>, Patrícia Almeida-Santos (PQ)<sup>3</sup>, Paulo Nogueira-Costa (PQ)<sup>4</sup>, Fernando Antonio dos S. Fernandez (PQ)<sup>5</sup>, Katyucha Von Kossel de A. Silva<sup>6</sup>, Leonard Schumm<sup>6</sup> & Vanderlaine A. de Menezes (PQ)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> UEXO- Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste; <sup>2</sup> UERJ- Universidade Estadual do Rio de Janeiro; <sup>3</sup> Instituto Biomas; <sup>4</sup> UNIFESSPA- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará; <sup>5</sup> UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro; <sup>6</sup> ICMBio- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

\* E-mail de contato: glauco.sqr@gmail.com

## Introdução

A perda de habitat gerada por ações antrópicas tem levado a uma fragmentação dos remanescentes florestais e, consequentemente, a uma defaunação, declínio de populações de espécies animais. Ao longo do tempo, esse processo acarreta diferentes efeitos negativos no ecossistema em função das alterações nas interações ecológicas. A reintrodução de animais extintos localmente (refaunação) pode auxiliar na restauração das interações ecológicas perdidas e na conservação de espécies<sup>1</sup>. O lagarto *Iguana iguana* pertence à família Iguanidae e foi localmente extinto nas Florestas do Rio de Janeiro. *Iguana iguana* possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo em áreas tropicais e subtropicais, desde o Brasil, México até o Paraguai. O presente trabalho tem o objetivo de identificar as áreas potenciais no Parque Nacional da Tijuca (PNT) para *Iguana iguana* e criar um protocolo específico para sua reintrodução.

## Materiais e Métodos



Fig.1- Hobbo Data Logger



Fig. 2- Calibração dos Modelos

## Resultados

*Iguana iguana* é encontrada em áreas de mata a uma altura de até cerca de 25 m do solo.



Fig. 3- Indivíduo macho de *Iguana iguana*  
Fonte: Steven Easley

$T_c$   
 $34,7 \pm 1,4^\circ\text{C}$   
(N = 16)  
Período diurno

Temperatura corpórea média em atividade da espécie.



Gráfico 1- Porcentagem dos temas abordados dos dez artigos analisados até o momento, da espécie *Iguana iguana* de diferentes países



*Iguana iguana* se alimenta de folhas (maior parte), frutos e flores. Das folhas consumidas estão *Tabebuia rosea*, Sapindaceae, Ficus sp., Leguminosae, Malvaceae e Apocynaceae<sup>3</sup>.



Fig. 4- Indivíduos macho de *Iguana iguana* apresentam prega-gular bem desenvolvida, além de tamanho corpóreo, cabeça e crista dorsal, maiores, quando comparado com as fêmeas de mesma espécie<sup>2</sup>.

Indivíduos machos de *Iguana iguana* apresentam prega-gular bem desenvolvida, além de tamanho corpóreo, cabeça e crista dorsal, maiores, quando comparado com as fêmeas de mesma espécie<sup>2</sup>.

## ALIMENTAÇÃO INDIVÍDUOS JOVENS

Indivíduos jovens de *Iguana iguana* são carnívoros, para uma maior eficiência de suplementação alimentar (proteínas) auxiliando o crescimento da espécie.



A espécie se reproduz de outubro à abril e coloca, em média, 50 ovos por ninhada.

Fig. 5- Ovos de *Iguana iguana* próximos à toca  
Fonte: Falcon et al., 2013

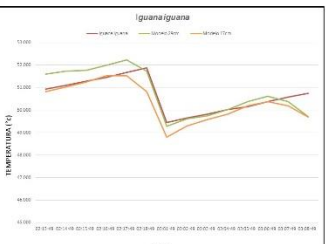


Gráfico 2- Calibração do modelo de *Iguana iguana*

## Conclusão

A estrutura da vegetação é importante para a termorregulação da espécie. O espectro de temperaturas ambientais próximas à temperatura preferencial da espécie, assim como a disponibilidade de alimentos são fundamentais para o sucesso de uma futura reintrodução. No Brasil, estudos sobre a história natural da *Iguana iguana* em ambientes naturais ainda são incipientes. A reintrodução da espécie *Iguana iguana* no Parque Nacional da Tijuca pode auxiliar a reconstrução das interações ecológicas, como tem sido demonstrado para outras espécies reintroduzidas nas áreas pelo projeto Refauna.

Agradecimentos: PIBIC/ICMBio e FAPERJ

## Referências

- 1- IUCN. 1998. IUCN/SSC Guidelines for Re-introductions. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. 10 pp.
- 2- Wilfredo Falcon, James D. Ackerman, Winella Recart, & Curtis C. Daehler. 2013. Biology and Impacts of Pacific Island Invasive Species. 10. *Iguana iguana*, the Green Iguana (Squamata: Iguanidae). Pacific Science 67(2): 157-186.
- 3- Ma. Del Socorro Lara- López y Alberto González-Romero. 2002. Alimentación de la *Iguana iguana* (Squamata: Iguanidae) en la Mancha, Veracruz, México. Acta Zool. Mex (n.s) 85: 139-152.

Figura 9 – Pôster utilizado na XII Jornada da Ciência e Tecnologia da UEXO.